

REVISTA NZINGA

DIÁLOGOS ACADÊMICOS E LUTAS SOCIAIS DOS MOVIMENTOS
NEGROS, PERIFÉRICOS, INDÍGENAS E MULHERISTAS.

ANAIS DA SEMANA ACADÊMICA DE HISTÓRIA
UNILA 2025:

NEGROS(AS) E INDÍGENAS COMO AGENTES HISTÓRICOS:
FORMAS DE RESISTÊNCIA NA AMÉRICA LATINA DO SÉCULO
XX E XXI.

DOI: [HTTPS://DOI.ORG/10.5281/10.5281/ZENODO.18927798](https://doi.org/10.5281/10.5281/ZENODO.18927798)

2026 * V2 * ESPECIAL



REVISTA NZINGA



APRESENTAÇÃO

A Semana Acadêmica de História da UNILA – 2025 ocorreu entre os dias 06 e 10 de outubro de 2025, no Campus Jardim Universitário da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), sendo organizada por discentes do curso de História. O evento foi gratuito e aberto à comunidade, reunindo estudantes, pesquisadoras(es), docentes e participantes interessados nos debates históricos contemporâneos. A programação contou com conferências, mesas-redondas, sessões de comunicação, minicursos e apresentações culturais, promovendo espaços de troca de conhecimentos e experiências.

A iniciativa surgiu a partir da mobilização estudantil por maior visibilidade para vozes historicamente silenciadas na academia, buscando problematizar narrativas hegemônicas presentes na historiografia tradicional. A Semana Acadêmica também adotou uma abordagem decolonial, destacando o protagonismo de povos negros e indígenas como sujeitos ativos da história, bem como suas estratégias de resistência frente às diferentes formas de opressão na América Latina contemporânea.

Além disso, o evento buscou ampliar o conceito de produção histórica, valorizando não apenas documentos oficiais, mas também saberes ancestrais, tradições orais, manifestações culturais, práticas religiosas, literatura, música e expressões artísticas. Nesse sentido, a Semana Acadêmica promoveu reflexões críticas sobre memória, poder e produção do conhecimento, incentivando diálogos interdisciplinares entre História, Antropologia, Artes e Estudos Culturais. O encontro contribuiu, assim, para fortalecer o reconhecimento de epistemologias não eurocêntricas no espaço universitário e para ampliar os debates sobre história e sociedade na América Latina.

COMISSÃO CIENTÍFICA

Editores-chefes e Co-fundadores:

Talles do Nascimento Martins - Unila - História América Latina

Victor Evangelista Santos - Unila - História

Conselheiros Editoriais:

Aline Almeida de Paula - Unioeste - Pedagogia Fernando Anael do Nascimento Martins - Unila - Ciências da Natureza (Biologia, Física e Química)

Natália do Nascimento Martins - Unila - Ciências da Natureza (Biologia, Física e Química)

Frida Martínez Torres - Unila - História América Latina

Esta publicação está licenciada sob Creative Commons CC-BY.

CORPOS QUE GIRAM E (RE)ENCANTAM: SER AFETADO PELA EXPERIÊNCIA POMBOGÍRICA

Agnes Lucius Bento da Silva (Mestrado em Ciências da Religião/UEPA)

Email: profagneslucius@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa propõe compreender a experiência pombogírica como acontecimento de afetação radical que reorganiza corpo, espiritualidade e política em corpos dissidentes, sobretudo travestis. Diferente da lógica colonial, que fragmentou corpos e expropriou cosmologias afro-diaspóricas, a presença da Pombogira restitui vitalidade, axé e conexão cósmica, produzindo um corpo-espírito expandido. Inspirada e após a inversão do conceito de “ser afetado”, a análise mostra que a incorporação não representa fraqueza ou alienação, mas reencantamento: gesto de reintegração entre carne queer e transcendência ancestral. A Pombogira, ao habitar encruzilhadas simbólicas e existenciais, compartilha com a travesti o território da exclusão e da potência transgressora, tornando-se força de legitimação ontológica e espiritual. Nesse processo, o giro ritual adquire caráter cosmopolítico, rompendo temporalidades lineares e categorias de gênero coloniais, instaurando subjetividades em fluxo. A experiência pombogírica é, assim, forma de cura não normativa, que amplifica e politiza corpos historicamente negados, convertendo-os em espaço de saber, autoridade e sacralidade. A travesti afetada emerge como figura paradigmática da insurgência vital, reafirmando sua agência espiritual e cosmológica frente à necropolítica que busca descartá-la. A pesquisa aqui realizada sustenta que ser afetado pela Pombogira não é apenas fenômeno religioso, mas prática de reexistência que desafia o desencantamento moderno, abrindo caminhos para uma pedagogia insurgente e uma cosmopolítica do axé.

Palavras-chave: Pombogira; Travesti; Afetação; Colonialidade; Cosmopolítica.

Referências:

BENEDETTI, Marcos. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

CSORDAS, Thomas J. **Embodiment and experience: the existential ground of culture and self**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. **The sacred self: a cultural phenomenology of charismatic healing**. Berkeley: University of California Press, 1997 [1988].

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de E. A. Rocha e L. Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

_____. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Les mots, la mort, les sorts: La sorcellerie dans le bocage**. Paris: Gallimard, 2015.

_____. **The Anti-Witch**. Chicago: The University of Chicago Press, 2015.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres: uma perspectiva africana sobre os discursos ocidentais de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento (sobre política de vida)**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

_____. **Flecha no tempo**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

_____. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2018.

STENGERS, Isabelle. A Proposição Cosmopolítica. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 442-464, abril, 2018.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

A MEMÓRIA RESGATADA E A DISPUTA DA TRADIÇÃO: XICA MANICONGO E O MOVIMENTO DE IALORIXÁS TRANSGÊNERO NO CAMPO AFRO-RELIGIOSO BRASILEIRO

Ava Cruz (Antropologia/USP)

Email: ava.cruz001@gmail.com

Resumo: Neste trabalho, investigo as transformações históricas em torno da noção de “quimbanda” e analiso como sua memória tem sido politicamente acionada no campo afro-religioso contemporâneo por lideranças trans, tomando como eixo a figura de Xica Manicongo. Para desenvolver essa reflexão, revisito dois momentos de ruptura nos significados atribuídos ao termo: de um lado, os registros de missionários e viajantes no contexto luso-africano dos séculos XVI e XVII; de outro, os esforços de legitimação da umbanda ao longo do século XX por intelectuais umbandistas. Dialogando com teorizações sobre a monstrosidade, examino de que modo “quimbanda” foi ressignificada ao longo do tempo, ora vinculada à imagem do “feiticeiro sodomita passivo”, ora utilizada como marcador de diferença moral e alvo de demonização em contraste com a umbanda, evidenciando disputas em torno de seu significado. Por fim, ao analisar os atuais movimentos de revalorização da memória de Xica Manicongo, argumento que essa retomada articula pertencimento, ancestralidade e tradição como formas de enfrentamento a discursos trans-excludentes nos espaços religiosos afro-brasileiros.

Palavras-chave: Quimbanda; Transgeneridade; Memória.

Referências:

DIAS, Claudenilson. **Identidades trans* e vivências em candomblés de Salvador: entre aceitações e rejeições**. Salvador: Dissertação de Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, UFBA, 2017.

FLOR DO NASCIMENTO, wanderson. Transgeneridade e Candomblés: notas para um debate. *Revista Calundu*, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 18, 2019.

MOTT, Luiz. Raízes históricas da homossexualidade no Atlântico lusófono negro. Afro-Ásia, Salvador, n. 33, 2005.

SILVA, Fernanda de Moraes da. **Matritraviarcado: a decolonialidade do candomblé tradicionalista**. Brasília, DF: Edição da autora, 2024.



GÊNERO E RAÇA EM LUEDJI LUNA(2016-2022)¹

William de Jesus Santos

(Mestrando pela Universidade Federal da Fronteira Sul -UFFS)

Email: santos.williamdejesus@gmail.com

Resumo: Essa pesquisa tem como objetivo aprofundar estudo na musicalidade da cantora e compositora Luedji Luna. Respalando em literaturas no campo da História e da Música, compreendendo as narrativas e construções musicais dentro do aspecto da Interseccionalidade, conceito que nos aprofundamos com Carla Akotirene (2023). Visando uma melhor abordagem para trabalhar o “Mulherismo” cunhado por Alice Walker (1983), e ter uma abordagem dentro para fora, de forma mais coesa. Pontuando a fluidez da cantora quando o assunto são as intercessões que ela se encontra. É oportuno pontuar que dentro dessa pesquisa, evidenciamos-a como uma Intelectual do tempo presente, baseando-nos em bell hooks² 1995, com sua literatura “Intelectuais negras”, colocando luz em suas contribuições sociais que partem da sua musicalidade. Marcos Napolitano(2008) destaca: “agente social e personagem histórico”, assim, é possível pensar a partir de uma escrita Interdisciplinar.

Palavras-chave: Música; Luedji Luna; História; Mulherismo; Interseccionalidade.

Referências:

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade** / Carla Akotirene. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2023. 152p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

BARROS, José D’Assunção. História e música: considerações sobre suas possibilidades de interação. Revista História & Perspectivas, v. 31, n. 58, Uberlândia, p. 25-40, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: O poder da autodefinição**. São Paulo: Boitempo, 2019.

¹ Pesquisa de Pós Graduação em História em andamento, agenciada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina - FAPESC.

² Escrita de nome próprio com letras minúsculas por ser escolha da própria.

COLLINS, P. H.. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso*. **Cadernos Pagu**, n. 51, 2017.

HOOKS, B. Intelectuais negras. **Estudos feministas**, 1995, p. 464-478.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. (in): PINSKY, Carla Bassanezi.(org). **Fontes Históricas**. 2.ed.- São Paulo.Editora Contexto, 2008. p. 235-289.



ADODIS: OPACIDADES DO LUSCO-FUSCO³

Felipe Gali (Programa de Pós-Graduação em Filosofia/UFF)

Email: felipegali@id.uff.br

Resumo: A respeito de Ifá enquanto um sistema filosófico, o que pode ser compartilhado em uma pesquisa acadêmica que conta com a contribuição e recepção de pessoas pesquisadoras que, não necessariamente, fazem parte do culto de Ifá? O que pode entrar na pesquisa e o que precisa ficar de fora para não desrespeitar uma tradição que é transmitida através de rituais iniciáticos? Como, em uma pesquisa que tem como objeto a investigação de um campo pouco conhecido, criar uma postura didática, porém, distante, de um tipo de guia/manual de Ifá? Esta pesquisa apresenta um incômodo que é percebido na prática contemporânea de Ifá um limite a respeito da atualização de gênero, tanto no que tange a diferença sexual e os papéis atribuídos a homens e mulheres, quanto a dissidência sexo-gênero invisibilizada e/ou estigmatizada. Será mesmo que Ifá não previu a existência de pessoas que não seriam homens de pênis ou mulheres de vagina? Ou de pessoas que não são nem homens nem mulheres? Ou até mesmo de pessoas que são os dois ao mesmo tempo? Quem sabe um terceiro? Ou será que a colonialidade de gênero também não realiza seus efeitos nos espaços sagrados da diáspora africana? Será que a atualização, no que diz respeito a diferença sexual e a dissidência de sexo-gênero, a partir da interpretação sobre Ifá não tem sido ela mesma colonial? A proposta aqui é a de apresentar os *patakis* como mitos vivos lançando luz sobre a figura de *adodis*, sua obliteração no culto de Ifá contemporâneo e a incompreensão – que ainda se transmuta em violência – sobre pessoas desviantes do arranjo sexo-gênero-desejo da cisheteronormatividade, neste culto.

Palavras-chave: Transfeminismo; Decolonialidade; Ifá-Orunmilá; Adodi; Metá-metá.

³ Comunicação vinculada a um projeto de pesquisa “Liminaridade metá-metá” em andamento no Programa da Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal Fluminense e fomentado pela CAPES/CNPq.

Referências:

AJIBADE, George Olusola. **Same-sex relationships in yoruba culture and orature**. Journal of Homosexuality, 2013.

ARAUJO, L. F. **Sistema filosófico de Ifá**. Tese de Doutorado apresentada na Universidade Federal da Bahia. Salvador: SIBI/UFBA, 2023.

DA COSTA, T. R. **De Adodi a Guardiães do Espírito: o sankofar das relações afetivas e sexuais entre africanos homens em diáspora**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

DIANTEILL, Erwan. **La Cité des hommes. La domination masculine dans la mythologie du culte d’Ifa (Cuba)**. L’Homme. Revue française d’anthropologie, n. 184, 2007.

GALI, Felipe. **O visível e o invisível na passabilidade cis: as autoficções transmasculinas de João W. Nery e Paul B. Preciado**. Trabalho de Conclusão de Curso. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2024.

GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

_____. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFIF, 2005.

LUGONES, Maria. Colonialidade e Gênero. In: **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**; Organização: Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

RIOS, Luis Felipe. **‘LOCE LOCE METÁ RÊ-LÊ!’: posições de gênero- erotismo entre homens com práticas homossexuais adeptos do candomblé do Recife**. Revista Pólis e Psique, v. 1, 2011.

CATEGORIAS SOCIAIS E POLÍTICAS DAS MULHERES DO REINO DO NDONGO NO FINAL DO SÉCULO XVI E INÍCIO DO SÉCULO XVII ⁴

Melissa Moura Vargas (Mestranda-PPGHIS-UNILA)

Email: melissamouravargas@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa busca analisar as categorias sociais e políticas das mulheres do reino do Ndongo entre o final do século XVI e o início do século XVII. Tenho como objetivo mapear e descrever aspectos como ocupação, idade, origem, etnia, religião e suas conexões com mulheres europeias presentes no Ndongo. No que se refere ao exercício da agência das mulheres, o conceito de agência está sendo compreendido conforme Thornton (2004) que os africanos tiveram uma participação ativa na estruturação do Mundo Atlântico. Metodologicamente, a pesquisa é de natureza qualitativa, documental, descritiva e exploratória. Busca-se analisar e articular fontes missionárias, inquisitoriais e administrativas, entre as quais se destacam a coletânea de quinze volumes da Monumenta Missionária Africana (MMA), transcrita pelo Padre António Brásio e publicada pela Agência Geral do Ultramar entre 1953 e 1988; a transcrição do manuscrito Processo de Aires Fernandes (Arquivo Nacional da Torre do Tombo – ANTT, Tribunal do Santo Ofício – TSO, Inquisição de Lisboa, processo n.º 13087), publicada na Afro-Ásia em 2022; e a documentação complementar intitulada Precatório de Rodrigo Aires (ANTT, TSO, IL, processo n.º 13312 Publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Também estão sendo analisados os dois volumes organizados por Beatrix Heintze: Fontes para a história de Angola: Memórias, relações e outros manuscritos da Coletânea Documental de Fernão de Sousa (1622–1635) de 1985 e Fontes para a história de Angola: Cartas e documentos oficiais da Coletânea Documental de Fernão de Sousa (1624–1635) de 1988.

⁴ Essa comunicação está vinculada a pesquisa de mestrado que está em andamento no Programa de Pós-Graduação em História – PPGHIS da UNILA. Essa pesquisa é fomentada pela Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná.

Palavras-chave: África Centro-Occidental; Ndongo; Angola; Agência feminina.

Referências:

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul.** Companhia das Letras, 2000.

DE CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte. **Páscoa Vieira diante da Inquisição: uma escrava entre Angola, Brasil e Portugal no século XVII.** Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2020.

HEINTZE, Beatrix; SANTOS, Marina; VOLÓDIA, Mateus. **Angola nos séculos XVI e XVII: Estudos sobre fontes, métodos e história,** Kilombelombe, 2007.

HEYWOOD, Linda M. **Jinga de Angola: a rainha guerreira da África.** São Paulo: Editora Todavia SA, 2019.

THORNTON, John. **A África e os africanos na formação do mundo Atlântico, 1400-1800.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

CONEXÃO DAS MUSICALIDADES NEGRAS EM FORMA DE REGGAE

Sabrina dos Santos de Souza (PPGLC/ UNILA)

Email: sabrinasouzamendes6@gmail.com

Resumo: O reggae nasceu na Jamaica, trazendo mensagens de fé e de luta social, e depois se espalhou pelo mundo. No Maranhão, a música chegou por discos e rádios, foi abraçada pelo povo e ganhou um jeito próprio de dançar, fazendo de São Luís a famosa “Jamaica brasileira”. Já na Bahia o reggae se juntou à cultura afro e ao movimento negro, virando símbolo de resistência e afirmação cultural. Na Jamaica, Bob Marley (1945 - 1981) lançava suas músicas que passavam mensagens de paz, justiça social e resistência contra a opressão, a lutas vividas pelo povo jamaico. Isso se deu pelo motivo de que em 1960 a Jamaica encontrava-se num momento de conflitos políticos o que resultou em violência, pobreza e desigualdade social. Enquanto Bob Marley lançava suas músicas as tensões políticas aumentavam e foi nesse cenário que ele organizou sua turnê chamada “One love peace concert” em 1978. No Brasil, Edson Gomes (1955) é considerado um dos principais representantes do reggae. Sua carreira foi iniciada em 1980 com músicas cujas mensagens são semelhantes a do Bob Marley, assim como Bob Marley, Edson Gomes se tornou uma voz forte da população negra e das classes populares no Brasil. Em São Luís (Maranhão) o reggae não é apenas música e sim um modo de viver e resistir marcando profundamente o maranhense. Para complementar o trabalho, foram utilizadas as intelectuais Neusa Souza Santos (1948 - 2008), a bell hooks⁵ (1952 - 2021) e Frantz Fanon (1925 - 1961).

Palavras - chaves: reggae; negros; música.

⁵ O nome “bell hooks” se encontra em minúsculo pois a própria pede para que usássemos em minúsculo, hooks acreditava que ela deveria ser lembrada pelas suas ideias e não pela sua figura pessoal. É também um ato simbólico e político.

Referências:

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo. Ubu Editora. 2020

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo. Elefante. 2021

Souza, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro. Zahar, 2021



DE REPENTE SE PERDEU: A “PELEJA HISTÓRICA DE INÁCIO DA CATINGUEIRA E ROMÂNO CALUETE”, SUA IMPORTÂNCIA E APAGAMENTO NA CIDADE DE PATOS - PB

Gustavo Morais Pereira (Lic. História/UFCG)

Email: gustavo.moraispe@gmail.com

Stanley Jesus dos Santos (Lic. História/UFCG)

Email: stanley.jesus@estudante.ufcg.edu.br

Resumo: No mercado municipal de Patos, na Paraíba, ocorreu em 1872 a chamada “*Peleja histórica de Inácio da Catingueira e Rômão Caluête*”. A peleja é uma batalha de rimas típica do sertão nordestino, muitos *apologistas* se referem à Peleja histórica como uma das maiores disputas repentistas da história, tendo durado 8 dias seguidos e destacando o fato de Inácio ser um negro escravizado e Romão um branco escravagista. Apesar da conhecida dificuldade em verificar veracidade factual a partir registros feitos quase um século após o ocorrido, é inegável o impacto e influência da então Peleja histórica no imaginário nordestino, de forma que diversos autores como Rodrigues de Carvalho, Guerreiro Ramos, Fernando Couto dentre muitos outros fizeram seus registros, sendo ainda registrada também em cordéis. Mesmo assim, pouco ou nenhum material se tem na cidade de Patos em fácil acesso sobre a então peleja e muito menos sobre Inácio da Catingueira. Desta forma este trabalho se propõe em não apenas investigar e analisar historicamente como se deu a peleja, como também refletir sobre seu impacto na região da cidade e problematizar o processo de apagamento histórico da figura de Inácio, na cidade de Patos, poeta escravizado que recebeu imenso destaque e reconhecimento devido sua peleja com Romão Caluête, mas que enquanto figura racializada passou por um processo de apagamento que, assim como há de ser feito o imprevisto no repente, de repente se perdeu na história da cidade.

Palavras-chave: História; Apagamento; Repente; Peleja; Patos.

Referências:

E. HAVELOCK. **Cultura escrita e oralidade**. Ática, São Paulo, 1995

F. d. C. BATISTA. **Cantadores e poetas populares**. Tipografia da Popular Editora, João Pessoa, PB, 1920

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, Tradução de: La mémoire collective, 2003.

J. R. de CARVALHO. **Cancioneiros do Norte**. Livraria São Paulo, João Pessoa, PB, 1928

PINTO, Mayra; COELHO, Sandino Patriota de Almeida. **Peleja histórica de Inácio da Catingueira e Romano Caluête: uma análise dialógica do repente brasileiro**. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 247–265, 2020. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v33i3p247-265. Disponível em: <https://revistas.usp.br/linhadagua/article/view/169972..> Acesso em: 15 set. 2025.

RAMOS, Graciliano. **Viventes das Alagoas**. Rio de Janeiro: Record, 1994.

DESÍGNIO DE ORÍ, CAMINHO DE ÒRÌȘÀ: SER TRANS DE CANDOMBLÉ

Silas de Souza Leite Floresta (bàbálórìșà, doutorando em Estudos da Tradução/Universidade de São Paulo)

E-mail: florestasilas@usp.br

Resumo: A partir de elementos da cosmopercepção e filosofia yorùbá e dos saberes ancestrais circulados nas comunidades-terreiro de candomblé Kétu, como Orí [cabeça, destino], òkàn [coração], Ìpàkó [ligação orí + òkàn] e Ìpònrí [destino, caminhos], partilharemos, a partir do lugar de bàbálórìșà, reflexões a respeito da experiência de ser uma pessoa trans de candomblé, propondo pensar a transgeneridade como uma existência atrelada a essas mesmas cosmopercepções, vinculada ao próprio ser no sentido filosófico, existencial e, portanto, de culto. Com o fim de demonstrar que o acolhimento e o tratamento dedicado à pessoa trans de terreiro não implica modificar, desrespeitar ou desviar os saberes e a herança ancestrais, tocaremos em algumas crenças ou suposições atualmente circuladas entre as pessoas adeptas ao candomblé, abordando pressupostos coloniais como a biológica e nos apoiando em outras autorias que se dedicaram a refletir sobre a presença de pessoas trans nos terreiros de candomblé.

Palavras-chave: orí; transgeneridade; candomblé Kétu; cosmopercepções yorùbá.

Referências

AYOH'OMIDIRE, Félix. **Akògbádùn**: ABC da língua, cultura e civilização iorubanas. Salvador: EDUFBA/CEAO, 2004.

BALONI, Jorge Alan de Souza. Àkúnlẹ̀yán e a inclusão transgênero no Candomblé: revisitando destino e identidade de gênero nas tradições afro-brasileiras. **Revista Calundu**, vol. 8, n. 2, jul.-dez. 2024, p. 39-61. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/55405>>. Acesso em: 18 set. 2025.

BENISTE, José. **Dicionário Yorubá-Português**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

CHURCH MISSIONARY SOCIETY. **Dictionary of Yoruba Language**. Lagos, 1913.

FASOLA, Awo Fategbe Fatunmbi. **The Holy Odu: A Collection of Verses from the 256 Ifa Odu with Commentary**. Createspace Independent Pub, 2015.

JAGUN, Márcio de. **Yorubá: vocabulário temático do candomblé**. Rio de Janeiro: LITTERIS, 2017.

LEMONS, Kaio. No candomblé, quem é homem e quem não é? Práticas discursivas de homens trans. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, vol. 12, n. 1, p. 341-367. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/17021>>. Acesso em: 18 set. 2025.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2011. Recurso eletrônico.

NAPOLÃO, Eduardo. **Vocabulário yorùbá: para entender a linguagem dos orixás**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do; ODARA, Thiffany. Gênero na encruzilhada: um olhar em torno do debate sobre vivências trans no candomblé. **Periódicus**, vol. 1, n. 14, nov. 2020-abr. 2021, p. 50-72. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/38132>>. Acesso em: 18 set. 2025.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Pólen, 2020. (Coleção Feminismos Plurais.)

_____. **Saberes ancestrais de terreiro**. Instituto Ilê Ará, 2024. Curso.

OYẸWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Trad. wanderson flor do nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PHELIPE, Caio. “O terreiro também é uma causa”, afirma o professor e babalorixá Sidnei Nogueira. **Mídia Ninja**, 27 set. 2024. Disponível em: <<https://midianinja.org/o-terreiro-tambem-e-uma-causa-afirma-o-professor-e-babalorixa-sidnei-nogueira/>>. Acesso em: 18 set. 2025.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

ESCRITURA DE LA VIOLENCIA: EL TESTIMONIO COMO ARCHIVO DEL COLONIALISMO⁶

Guilherme José Schons

Programa Interdisciplinario de Posgrado en Ciencias Humanas (PPGICH)

Universidad Federal de la Frontera Sur (UFFS)

Email: guilherme.schons@estudante.uffs.edu.br

Resumen: La investigación que presento se basa en los escenarios enunciados por Conceição Evaristo, Isabela Figueiredo y Grada Kilomba frente a una máscara: la del silenciamiento provocado por el colonialismo racista y patriarcal. Con eso en mente, identifiqué un orden mediante el cual las percepciones que Evaristo, Figueiredo y Kilomba hicieron públicas han sido negadas y reprimidas. Los “secretos” aquí abarcan aspectos como la barbarie de la dictadura cívico-militar en Brasil, el fascismo del *Estado Novo* portugués en el mundo colonial y la constante recreación del racismo en Europa. Más allá, la verdad oculta contempla la existencia de los traumas de las mujeres y las personas negras frente a esos regímenes y su articulación con un pasado más amplio que se manifiesta como reminiscencia en el presente: la colonialidad en el Imperio portugués y sus distintos desarrollos en lo que denomino Iberoamérica. Por lo tanto, sostengo que, en esta investigación, pretendo explorar una idea que ya no puede ignorarse: la herida colonial está abierta. Así, este trabajo busca analizar la literatura testimonial de Conceição, Isabela y Grada – en las obras, tomadas como fuentes documentales, *Becos da memória*, *Caderno de memórias coloniais* y *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, respectivamente – como lenguaje para la elaboración pública del trauma colonial en el espacio de lo que fue el Imperio portugués.

⁶ Este trabajo forma parte de un proyecto de investigación en curso en el marco de la Maestría del Programa Interdisciplinario de Posgrado en Ciencias Humanas (PPGICH) de la Universidad Federal de la Frontera Sur (UFFS) – Campus Erechim. La investigación cuenta con el apoyo de la *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES) y es una derivación de Trabajo de Conclusión de Curso (TCC) en la Licenciatura en Historia de la UFFS (Schons, 2024).

Palabras clave: colonialidad; Iberoaméfrica; literatura; testimonio; trauma.

Referencias:

BENJAMIN, Walter. As Teses sobre o Conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232.

CARUTH, Cathy. **Trauma: explorations in memory**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 27-46.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FIGUEIREDO, Isabela. **Caderno de memórias coloniais**. 4. ed. Coimbra: Angelus Novus, 2010.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organização: Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 12-33, 24 dez. 2020. Disponível em:

https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640. Acesso em: 02 set. 2025.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NICHANIAN, Marc. **The historiographic perversion**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2009.

QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires; Clacso, 2005.

SCHONS, Guilherme José. **Memórias de duas ditaduras ibero-amefricanas: Brasil, Moçambique e Portugal nas escrituras pós-coloniais de Conceição Evaristo e Isabela**

Figueiredo. 2024. 102 f. TCC (Graduação) - Curso de História, *Campus Erechim*, Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2024. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/7751>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2018.



DO PÓS-ABOLIÇÃO À REVOLUÇÃO: TRABALHADORAS NEGRAS NOS ROMANCES DE 30 DE JORGE AMADO⁷

Geferson Santana (Doutor em História/USP)

E-mail: santanageferson@gmail.com

Resumo: A presente comunicação propõe discutir as representações das trabalhadoras negras nos romances de 30 do escritor baiano e intelectual comunista Jorge Amado (1912-2001), com especial atenção às trabalhadoras do sexo, lavadeiras, empregadas domésticas e operárias das fábricas de charuto. A análise se concentra no contexto do pós-abolição nas cidades de Salvador e do Recôncavo Baiano, a partir das obras publicadas no ciclo Romances da Bahia (1931-1937), especialmente quando de sua reedição e publicação pela prestigiosa editora José Olympio (JO). A produção literária de Amado foi central para a divulgação das teses da Internacional Comunista (IC) sobre as questões raciais, classe e gênero, alinhando-se à estética do realismo socialista, segundo a qual a arte deveria desempenhar uma função pedagógica, revelando as contradições do capitalismo e apontando os caminhos para a revolução no mundo. A obra amadiana não apenas destaca a importância dos trabalhadores negros, incluindo as mulheres, na consolidação da revolução no Brasil, mas também denuncia as condições de vida das trabalhadoras, como o abuso patronal, a violação de direitos relacionados à maternidade e maternagem, a luta por melhores condições de trabalho e remuneração e as jornadas exaustivas a que eram submetidas, sobretudo as mulheres negras.

Palavras-chave: Jorge Amado; Literatura; Raça; Gênero; Classe.

Referências:

⁷ A comunicação é parte da pesquisa doutorado em História Econômica defendida pelo Programa de Pós-Graduação em História Econômica (PPGHE) da Universidade de São Paulo (USP), sob o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Também está marcada no âmbito de trabalho do Laboratório Oceanos e Catástrofes da Cátedra Fernão de Magalhães, vinculado ao Instituto Camões, de Portugal, e coordenado pela Dra. Daiana Nascimento dos Santos na Universidad de Playa Ancha (UPLA), Chile.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**. Natal: Editora da UFRN, 1995.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do negro na sociedade de classes**. 6. ed. São Paulo: Editora Contracorrente, 2021.

FRAGA, Walter. **Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Saco de gatos: ensaios críticos**. São Paulo: Duas Cidades, 1976

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização Flavia Rios e Márcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, raça e democracia**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. **O Brasil Best Seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional**. São Paulo: Editora SENAC, 2003.

HALLEWEL, Laurence. **O Livro no Brasil: Sua História**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2017.

LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Ser intelectual comunista: escritores brasileiros e o comunismo (1920-1945)**. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

SANCHES, Maria Aparecida Prazeres. **Fogões, Pratos e Panelas: poderes, práticas e relações de trabalho doméstico. Salvador 1900/1950**. 1998. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

SANTANA, Geferson. **Os intelectuais comunistas e as questões raciais no Brasil**. 2024. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

SANTOS, Daiana Nascimento dos. **Imaginário literario y políticos en el brasileño Jorge Amado**. New York: Edwin Mellen Press, 2011.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930)**. Tradução: Donaldson M. Garschagen. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.



MARIA FIRMINA DOS REIS UMA INTELLECTUAL BRASILEIRA: ANALISANDO MULHERES NEGRAS NA HISTÓRIA DO BRASIL IMPÉRIO (1822-1862)

Carine Fernandes Lima (UERJ/PROPEd/CAPES)

E-mail: carinefernandes.hist@gmail.com

Resumo: O presente trabalho pretende analisar Maria Firmina dos Reis, observando as lutas por representações e refletindo sobre os mecanismos de imposição social, que “[...] tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.” (Chartier, 1990, p. 17). Na perspectiva da História das mulheres e Gênero, a partir das contribuições de Joan Scott (2011), recortando as relações de trabalho. A autora Maria Helena Machado em seu capítulo de livro *A Árvore genealógica de Maria Firmina dos Reis: escravidão, gênero e maternidade* (2024), abordou sobre os dilemas enfrentados em sua escrita sobre a Maria Firmina dos Reis. Tais desafios estavam na ordem dos diversos números de escritos sobre Firmina, o próprio desenvolvimento de uma análise crítica literária e a cautela ao retratar uma figura pública diretamente ligada aos movimentos antirracista. Certeau (1982) argumenta que o discurso histórico não é apenas um reflexo passivo do passado, mas uma construção ativa que está enraizada nas práticas sociais, políticas e culturais do presente. Conforme Cida Bento, uma branquitude foi sendo formada no Brasil, onde partiu dos europeus definirem a identidade comum, usando como diferenciação, parâmetro, os africanos, sujeitos negros (Bento, 2022. p. 27-36). As novas pesquisas indicam documentos que identificam Maria Firmina dos Reis como filha de uma liberta (Machado, 2024). Logo, as experiências vividas por essa mulher negra no século XIX trazem elementos importantes para pensarmos nas relações sociais e políticas, mediante a uma professora de primeiras letras, escritora e filha de uma liberta.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis; Intelectual; Mulheres negras; Trabalho; Educação.

Referências:

Bento, Cida. “Branquitude e colonização europeia”; “O campo de estudos sobre branquitude”. In: **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das letras, 2022. P. 27-36; 55-68

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand, 1989.

_____. **Sobre o Estado: Curso no Collège de France (1989-92)** – 1ª ed – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BLOCH, Marc. A história, os homens e o tempo. In: **Apologia da história ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CERTEAU, M. de. A operação historiográfica. In: **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, R. **A História cultural Entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 1990.

FERREIRA, Dirce Nazaré A; SCHWARTZ, Cleomara Maria. Política, poder e instrução: a educação feminina no método Lancasteriano (uma análise da lei 15 de outubro de 1827, à luz do ensino mútuo). *Revista Brasileira De História Da Educação*, 14(1[34]), 49-72, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso. Aula inaugural no College de France**, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 2004.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

_____. **História da sexualidade vol. 1: A vontade de saber**. São Paulo: Edições Graal, 2010a.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1991.

GONDRA, José; SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no Império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

GONDRA, José. O confisco geral do corpo, do tempo, da vida: emancipar e formar brasileiros, brasileiros/as, brasileiros/as. *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 32, n. 1, p. 1-30, jan./mar. 2025.

GOMES, Flávio; VIANA, Iamara (orgs.). **Vidas impressas: intelectuais negras e negros na escravidão e na liberdade**. 1. ed. São Paulo: Selo Negro Edições, 2024.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. “A liberdade é negra; a igualdade, branca e a fraternidade, mestiça”. In: **Modernidades negras. A formação racial Brasileira (1930-1970)**. São Paulo: Editora 34, 2021, p. 45-66.

NEVES, L. M. B. P. Estado e política na independência. In: GRINBERG; Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). **O Brasil Imperial – Vol. 1 – 1808-1831** – Rio de Janeiro/Civilização Brasileira, 2009.

_____. Censura, circulação de idéias e esferas pública de poder no Brasil, 1808-1824. **Revista Portuguesa de História** T.XXXIII, Vol. II, p. 670, 1999.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução Denise Bottmann – 1. ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011 pp. 65-98

MULHERES NEGRAS NO BRASIL IMPÉRIO: ANALISANDO MARIA FIRMINA DOS REIS NA IMPRENSA OITOCENTISTA (1850-1861)

Carine Fernandes Lima (UERJ/PROPEd/CAPES)

E-mail: carinefernandes.hist@gmail.com

Resumo: O presente trabalho pretende analisar os impressos produzidos no Brasil oitocentista, inseridos em um campo de poder. Com o objetivo de refletirmos sobre as mulheres negras na História do Império do Brasil, recortando Maria Firmina dos Reis. A investigação metódica será por meio de diferentes periódicos produzidos entre 1850-1861. Para tanto, proponho a reflexão sobre os processos de Independência do Brasil, emancipação política e a construção da Nação. Estabelecendo uma ponte entre a História das mulheres, Gênero e História do Brasil Império. Pierre Bourdieu (2014) observou que o Estado foi sendo construído por meio de diversas intervenções. Conforme Cida Bento, a branquitude foi sendo formada no bojo do processo de colonização, onde partiu dos europeus brancos definirem a identidade comum, usando como diferenciação, parâmetro, os africanos, sujeitos negros (Bento, 2022. p. 27-36). Então, temos a exclusão de um grupo em detrimento de outro. A negação e repressão fazem parte desse processo de apagamento dos indivíduos. Logo, debatermos sobre Maria Firmina dos Reis, uma mulher negra no século XIX que experimentou ser uma professora de primeiras letras no Maranhão e escritora, torna-se importante. Nessa perspectiva, Perrot analisa que as mulheres estão presentes nos campos de poderes, já que “elas investem o privado, no familiar e mesmo no social, na sociedade civil.” (Perrot, 2017, p. 153). Portanto, analisar a presença das mulheres negras, nos diferentes espaços, possibilita o surgimento de novas problematizações, observando-as como agentes ativos na sociedade brasileira oitocentista.

Palavras-chave: Imprensa oitocentista; Maria Firmina; Mulheres negras; Poder; Educação.

Referências:

Bento, Cida. “Branquitude e colonização europeia”; “O campo de estudos sobre branquitude”. In: ***O pacto da branquitude***. São Paulo: Companhia das letras, 2022. P. 27-36; 55-68

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand, 1989.

_____. **Sobre o Estado: Curso no Collège de France (1989-92)** – 1ª ed – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BLOCH, Marc. A história, os homens e o tempo. In: **Apologia da história ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CERTEAU, M. de. A operação historiográfica. In: **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, R. **A História cultural Entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 1990.

FERREIRA, Dirce Nazaré A; SCHWARTZ, Cleomara Maria. Política, poder e instrução: a educação feminina no método Lancasteriano (uma análise da lei 15 de outubro de 1827, à luz do ensino mútuo). **Revista Brasileira De História Da Educação**, 14(1[34]), 49-72, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 2004.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

_____. **História da sexualidade vol. 1: A vontade de saber**. São Paulo: Edições Graal, 2010a.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1991.

GONDRA, José; SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no Império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. O confisco geral do corpo, do tempo, da vida: emancipar e formar brasileiros, brasileiros/as, brasileiros/as. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 32, n. 1, p. 1-30, jan./mar. 2025.

GOMES, Flávio; VIANA, Iamara (orgs.). **Vidas impressas: intelectuais negras e negros na escravidão e na liberdade**. 1. ed. São Paulo: Selo Negro Edições, 2024.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. “A liberdade é negra; a igualdade, branca e a fraternidade, mestiça”. In: **Modernidades negras. A formação racial Brasileira (1930-1970)**. São Paulo: Editora 34, 2021, p. 45-66.

NEVES, L. M. B. P. Estado e política na independência. In: GRINBERG; Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). **O Brasil Imperial – Vol. 1 – 1808-1831** – Rio de Janeiro/Civilização Brasileira, 2009.

NEVES, L. M. B. P. Censura, circulação de idéias e esferas pública de poder no Brasil, 1808-1824. **Revista Portuguesa de História** T.XXXIII, Vol. II, p. 670, 1999.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução Denise Bottmann – 1. ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011 pp. 65-98

**TRAJETÓRIA E INVISIBILIDADE DE UMA BAILARINA NEGRA:
REPRESENTAÇÃO DE MERCEDES BAPTISTA NA MÍDIA IMPRESSA
NACIONAL (1940-2014)⁸**

Ana Luiza Izidio Barbosa das Neves (Licenciatura em História/UFF)

E-mail: izidioana@id.uff.br

Geferson Santana (Doutor em História/USP)

E-mail: santanageferson@gmail.com

Resumo: A presente comunicação analisa a representação da trajetória de Mercedes Baptista (1921–2014) na mídia impressa, destacando seu papel pioneiro na constituição de um ballet afro-brasileiro e como a primeira bailarina negra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro (RJ). Apesar de sua importância artística e cultural, a história de sua trajetória artística foi marcada por um apagamento consistente na grande mídia, nas narrativas oficiais sobre a dança no Brasil e na memória institucional do Theatro, que a relegava ao fundo do palco, tornando-se protagonista de uma apresentação apenas em 1960, com seu Ballet Folclórico. Para investigar essas representações, a pesquisa construiu um banco de dados a partir de periódicos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BN), utilizando o descritor “Mercedes Baptista” para o período de 1940 a 2014, resultando em 225 ocorrências transcritas em 31 periódicos de diferentes regiões do país. O objetivo foi mapear referências relacionadas aos marcadores de “raça”, “gênero” e “classe”, permitindo compreender como a mídia impressa refletia as tensões sociais, raciais e culturais em torno da presença de mulheres negras na cena artística. Foram adotados referenciais teóricos e discursivos de intelectuais negros, como Abdias do Nascimento e Lélia González, para refletir sobre a condição da mulher negra numa perspectiva interseccional e sobre as estratégias para a sua invisibilização e reconhecimento cultural. A

⁸ Pesquisa desenvolvida no âmbito do laboratório História Editorial, sob a orientação do Prof. Dr. Geferson Santana (USP). A pesquisa também resultou na publicação do artigo de divulgação científica *O corpo monumento de Mercedes Baptista* (2024). Conferir referência completa no item *Referências*.

análise revelou padrões de apagamento seletivo em relação à trajetória artística e intelectual de Baptista e, ao mesmo tempo, destacou a valorização da arte afro-brasileira que difundiu; e, por meio de seu Ballet Folclórico, formou outros bailarinos, difundiu a cultura afro-brasileira nacional e internacionalmente, ocupou espaços de poder, e consolidou seu papel como intelectual orgânica. O estudo contribuiu para evidenciar trajetórias historicamente marginalizadas e para compreender criticamente a relação entre mídia, memória e cultura no contexto da dança brasileira.

Palavras-chaves: Mercedes Baptista; Ballet Folclórico; Cultura afro-brasileira; Mídia impressa; Memória.

Referências:

ARANTES, Erika Bastos; FARIAS, Juliana Barreto; SANTOS, Ynaê Lopes dos. Apresentação dossiê: Racismo em pauta: “A história que a história não conta”. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 41, n. 88, p. 15-32, set./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472020v41n88-03>. Acesso em: 3 out. 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JÚNIOR, Paulo Melgaço da Silva. **Mercedes Baptista – A Criação da Identidade Negra na Dança**. 1. ed. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2007.

MARTINIANO, Raphael. Cubango homenageia a estrela negra da dança. **O Fluminense**, Rio de Janeiro, ano 130, n. 38.213, 5 fev. 2008. Disponível em: <https://encurtador.com.br/T8Gkt>. Acesso em: 17 out. 2024.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: Processo de um racismo mascarado. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NEVES, Ana Luiza Izidio Barbosa das. O corpo monumento de Mercedes Baptista. **História Editorial**, v. 1, n. 1, 3 dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14263172>. Disponível

em: <https://historiaeditorial.com.br/o-corpo-monumento-de-mercedes-baptista>. Acesso em: 5 set. 2025.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278>. Acesso em: 5 nov. 2024.

TAVARES, Joana Ribeiro da Silva; DIAS, Fernanda Cristina Machado. A Dança Negra de Mercedes Baptista e o gesto cênico. **Pitágoras** 500, Campinas, v. 10, n. 1, p. 38–53, 2020. DOI: 10.20396/pita.v10i1.8659011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/pit500/article/view/8659011>. Acesso em: 5 set. 2025.



BREGA E DITADURA: QUAL A VERDADEIRA MÚSICA POPULAR DO SERTÃO PARAIBANO?

Stanley Jesus dos Santos (Lic. História/UFCG)

Email: stanley.jesus@estudante.ufcg.edu.br

Gustavo Morais Pereira (Lic. História/UFCG)

Email: gustavo.moraispe@gmail.com

Resumo: Imersa em tensões e sensações diversas, a hegemonia cultural do sertão paraibano sempre esteve inserida em meio a conflitos que interseccionam classe, raça, gênero, sexualidade dentre outros indicadores sociais que atravessam pessoas do sertão ao litoral. Em um contexto de repressão e censura extrema como o da ditadura imposta pelo golpe de 1964 no Brasil, expressões artísticas que não estivessem de acordo com a hegemonia cultural imposta pelos blocos dominantes do país tiveram sua liberdade ameaçada e cerceada colocando-as em locais de resistência e luta frente ao aparato repressor do Estado. A música popularmente chamada de “Brega” ou “Cafona” não fugiu desse cenário, e curiosamente, esteve amplamente presente no cotidiano das diversas camadas sociais do sertão paraibano, inclusive, nas décadas de 70 e 80 onde em outras regionalidades do país predominava o gosto e a escuta pela “engajada MPB”. Desta forma propomos uma reflexão e olhar sobre a presença e importância da música Brega na cidade de Cajazeiras, na Paraíba, enquanto expressão de resistência e identidade coletiva nos anos de 1970 à 1980.

Palavras-chave: Música; Ditadura; Brega; MPB; Cajazeiras.

Referências:

LOUBACK LOPES, Ana Carolina. Origens, deslocamentos e possíveis rumos da intermediação cultural em arranjos contemporâneos da cultura. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, São Cristóvão, v. 14, n. 27, p. 211–224, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/pontadelanca/article/view/14291>. Acesso em: 28 ago. 2025.

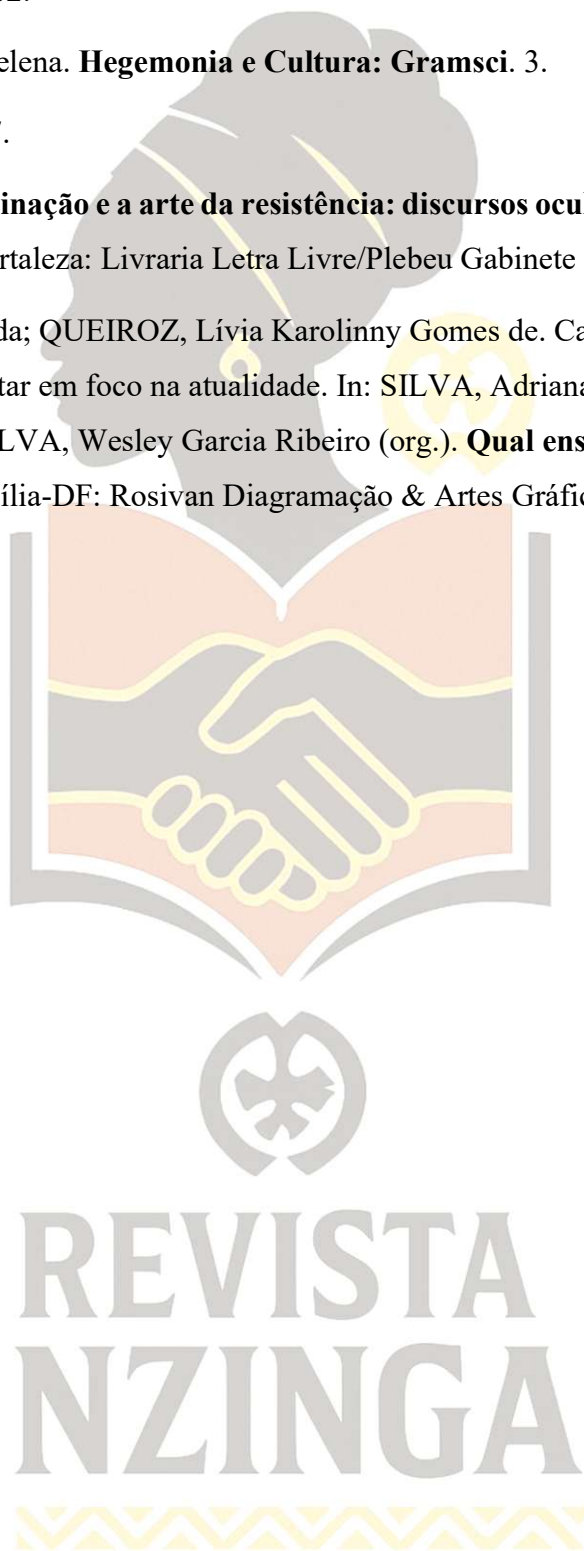
NAPOLITANO, Marcos. **História & música: história cultural da música popular**. Belo Horizonte. Autêntica, 2002.

SCHLESENER, Anita Helena. **Hegemonia e Cultura: Gramsci**. 3.

ed. Curitiba: UFPR, 2007.

SCOTT, James C. **A dominação e a arte da resistência: discursos ocultos**. Tradução de Pedro Serras Pereira. Lisboa/Fortaleza: Livraria Letra Livre/Plebeu Gabinete de Leitura, 2013

SILVA, Isaíde Bandeira da; QUEIROZ, Livia Karolinny Gomes de. Canções bregas e ensino de História: ditadura militar em foco na atualidade. In: SILVA, Adriana Maria Paulo da; SILVA, Lucas Victor; SILVA, Wesley Garcia Ribeiro (org.). **Qual ensino de História para a educação básica?** Brasília-DF: Rosivan Diagramação & Artes Gráficas, 2022. p. 86-104.



ENTRE O PESSOAL E O COLETIVO: UM DIÁLOGO FÍLMICO SOBRE MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE EM ANA PI

Agnes Maria Aguirre P. Souza (Especialização em Arte Educação/UFBA)

Email: agnesaguirreps@gmail.com

Resumo: Este artigo analisa a produção de Ana Pi, dançarina, escritora e pedagoga, com foco em duas de suas obras audiovisuais: “INSTITUIÇÃO_INTUIÇÃO” e “Ceci n’est pas une performance”. A pesquisa investiga como a artista utiliza a linguagem do cinema para realizar um trabalho de reafirmação da produção artística afrodescendente, explorando de maneiras distintas a potência da imagem. Em “INSTITUIÇÃO_INTUIÇÃO”, a análise se concentra no uso da produção de imagens próprias como um ato de auto reflexão e criação de um novo arquivo. Já em “Ceci n’est pas une performance”, o foco é o uso de arquivos existentes como forma de confrontar narrativas históricas dominantes. Argumenta-se que, por meio desses dois métodos, a artista entra em uma disputa simbólica pela memória e pela cultura da diáspora africana. O trabalho de Ana Pi é analisado como uma forma de reescrever narrativas, ativando a ancestralidade não apenas como tema, mas como um princípio estético e filosófico que confere poder à cultura negra.

Palavras-chave: Cinema e arquivo; Memória; Produção artística afrodescendente; Ancestralidade.

Referências:

DOS SANTOS, Jocélio Teles. **O Poder da Cultura e a Cultura no Poder. Disputa Simbólica da Herança Cultural Negra no Brasil.** Salvador: Edufba, 2005. BRASIL, André; PARENTE, André; FURTADO, Beatriz (org.). **Imagem e exercício da liberdade: cinema, fotografia e artes – Imagem Contemporânea III.** Fortaleza: Imprensa

Universitária, 2020. E-book. Disponível em:

<<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/53591>>. Acesso em: [dia mês ano].

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. **Teatro de memórias, palco de esquecimentos:** culturas africanas e das diásporas negras em exposições. Tese (Doutorado em História) — São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

PRICE, Sally. A arte dos povos sem história. **Afro-Ásia**, v. 18, p. 205-224, 1996

Artigos publicados em websites

OLIVEIRA, Eduardo. Epistemologia da ancestralidade. Scribd, Salvador, 2023. Disponível em:

<<https://pt.scribd.com/document/108804799/Eduardo-Oliveira-Epistemologia-Da-Ancestralidade>>. Acesso em: 14 setembro 2025.

MADRINHAS ESCRAVIZADAS E REDES DE PARENTESCO ESPIRITUAL EM MEIA PONTE (SÉCULO XIX)⁹

Beatriz Machado (Doutorando em História/PPGH-UFG)

Email: beatrizmachado@discente.ufg.br

Resumo: O presente trabalho analisa as dinâmicas familiares e de parentesco da população escrava no arraial de Meia Ponte, atual Pirenópolis, Goiás, no século XIX, com especial foco nas relações de familiaridade espiritual entre madrinhas escravizadas e seus afilhados. Fundamentada em 1502 registros paroquiais, sendo 275 batismos de escravos, a pesquisa investiga as estratégias de construção de redes sociais e alianças empregadas pelos escravos, com ênfase no compadrio, instituído por meio do batismo cristão. A análise revela que madrinhas escravas apadrinharam sobretudo inocentes naturais, em geral crianças naturais, ou seja, que não possuíam pais casados. Além disso, algumas delas se destacaram por aparecer em mais de um batismo, sinalizando prestígio dentro das senzalas e a possibilidade de inserção em posições diferenciadas, associadas ao que a historiografia denomina “elite das senzalas”. Utilizando a metodologia histórico-social, a microanálise e o cruzamento de fontes paroquiais com registros fiscais e periódicos locais, o estudo evidencia padrões de compadrio, especialmente entre escravizados. Além disso, observa-se que os laços espirituais estabelecidos ofereciam proteção e oportunidades de inserção social aos escravizados, reforçando a importância da família e do parentesco espiritual como estratégias centrais de articulação social no cativeiro.

Palavras-chave: Família escravizada; Compadrio; Madrinhas escravizadas.

Referências:

FLORENTINO, Manolo; GÓES, José Roberto. **A paz das senzalas:** famílias escravas e tráfico Atlântico, Rio de Janeiro, C. 1790 – C. 1850. São Paulo: Unesp, 2017.

⁹ Resultados parciais da pesquisa financiada pela CAPES.

FRAGOSO, João. Elite das senzalas e nobreza da terra numa sociedade rural do Antigo Regime nos trópicos: Campo Grande (Rio de Janeiro), 1704-1741. In: FRAGOSO, João; GOUVÊIA, Maria de Fatima. **Coleção O Brasil colonial – parte III (1720-1821)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. P. 241-306.

GUEDES, Roberto. Livros paroquiais de batismo, escravidão e qualidade de cor (Santíssimo Sacramento da Sé, Rio de Janeiro, Séculos XVII-XVIII). In: FRAGOSO, João; GUEDES, Roberto; SAMPAIO, Antônio Carlos Jucá de (Org.). **Arquivos paroquiais e história social na América Lusa: métodos e técnicas de pesquisas na reinvenção de um corpus documental**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2014.

HAMEISTER, Martha Daisson. Lançando aos leões: pensamentos imperfeitos na tentativa de contribuir com a definição de um conceito de família aplicável ao Extremo-sul do Estado do Brasil século XVIII. In: SCOTT, Silvia; CARDOZO, Joze Carlos; FREITAS, Denise Terezinha; SILVA, Jonathan (Org.). **História da família no Brasil meridional: temas e perspectivas**. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2014.

MATTOS, Hebe. Laços de família. In: MATTOS, Hebe. **Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista – Brasil, século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

MORAES, Cristina de Cássia Pereira. **Do Corpo Místico de Cristo: Irmandades e Confrarias na Capitania de Goiás 1736-1808 – 1ª ed – eBook – Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2014.**

GESTOS TRANSCESTRAIS: ARTE COMO FERRAMENTA DE PRODUÇÃO DE MEMÓRIA TRANSMACULINA DE AXÉ

Guará (ARTES/UFF)

Email: guarazin11@gmail.com

Resumo: Ao fechar os olhos, memória: a Maria Padilha do meu irmão chamando a minha Moça para dançar em terra e eu chorando, pois foi a primeira vez que vi uma Pombagira incorporar em um corpo transmasculino. No caminho tão escuro, estão inúmeros transmasculinos em transe com seus ancestrais, firmando sua presença no Àiyé, fazendo mandinga, tocando tambor e construindo comunidades de axé. Enquanto o sistema persiste em projetos de mortificação de nossas vidas trans, os terreiros são lugares onde acessamos e vivemos tecnologias ancestrais para cuidar e vitalizar nossos corpos. Mesmo assim, ainda enfrentamos a transfobia disfarçada de "tradição". Este projeto parte da cocriação de imagens fotográficas e videográficas de pessoas transmasculinas em seus terreiros, celebrando seu axé. Entrelaçando relatos de entrevistas e encontros, a intenção é nutrir a comunidade, em um gesto transcestral. Trata-se de firmar memórias para quem está aqui e agora, e também para quem virá — para não esquecer e, caso se esqueça, ter como lembrar. Contar nossas histórias a partir de nós mesmas é retomar a narrativa de nossos corpos e vivências. Minha proposta é com, através e sendo arte celebrar e valorizar as existências de cada corpo-comunidade que eu encontrar dentro do território nacional. É também buscar aqueles que já encantaram e abriram caminhos, para compartilhar e registrar na história que os terreiros são, sim, lugares construídos, experienciados e liderados por transmasculinidades. E, acima de tudo, é um movimento de memória de nós, para nós.

Palavras-chave: transmasculinidades; terreiros; memória.

Referências:

ALEXANDRE, Claudia Regina. **Exu-Mulher e o Matriarcado Nagô: masculinização, demonização e tensões de gênero na formação dos candomblés**. Rio de Janeiro: Aruanda/Fundamentos de Axé, 2023

CRUZ, Ava. "A memória resgatada e a disputa da tradição: o lugar das quimbandas no movimento de ialorixás trans no campo afro-religioso brasileiro". *Numen*, v. 28, n. 1, p. 146–165, 2025. DOI: 10.34019/2236-6296.2025.v28.48523. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/48523>.

MOMBAÇA, Jota. **Rumo à uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência.** São Paulo: Fundação Bienal; OIP, 2017. Disponível em: https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuicao_a_o_da_vi

IMARISHA, Walidah (2016). **Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça.** In: 32ª Bienal de São Paulo.

NĨARA, Ewa. Pois a névoa há de se transmutar em nebulosa: reflexões da epistemologia negra travesti na arte contemporânea. *Minerva*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 164, 2024.

MUTHA. **Museu Transgênero de História e Arte.** Disponível em: <https://mutha.com.br/>



**“O FAMOSO ‘JULINHO ROMÃO’, ‘MESTRE EM BAGUNÇAR’”: UMA ANÁLISE
SOBRE AS NARRATIVAS DA CAPOEIRA DE JÚLIO ROMÃO EM BELÉM-PA
(1990-1993)**

Andreza Rayanne Alves Santos (Pós-Graduanda em
Linguagens e Artes na Formação Docente/IFPA)

E-mail: andreza.alves.0401@gmail.com

Carlos Daniel Matos Nascimento (Graduado em
Licenciatura Plena em História/UEPA)

E-mail: matosdaniel2014@gmail.com

Resumo: O estudo se insere no contexto das últimas décadas do século XX, quando a capoeira em Belém PA transitava entre marginalização social e valorização cultural. As narrativas sobre Mestre Júlio Romão, registradas em jornais locais, revelam tensões: ora ele é apresentado como desordeiro, ora como guardião de uma prática ancestral ligada à identidade afro-brasileira. Assim, o objeto de pesquisa são as divergências nas representações da capoeira de Romão na cidade, evidenciando-o como uma figura controversa. Para Baccino (2013), Belém participa do processo de revalorização da capoeira como elemento da ancestralidade africana, refletindo suas múltiplas facetas e funções sociais. A ambiguidade das representações jornalísticas levanta a questão: por que a mesma figura é retratada de modos tão opostos? Assim, o objetivo da pesquisa é compreender as narrativas divergentes, analisando os periódicos e as transformações sociais, filosóficas e culturais da capoeira no período estudado, considerando o contexto urbano e a trajetória individual do Mestre. Conclui-se que o contexto histórico e social reforça a especificidade e individualidade de cada Mestre, evidenciando as múltiplas atuações da capoeira. Em paralelo à retomada da prática como expressão da identidade nacional, observa-se um cenário de tensão perceptível nos jornais. Destaca-se, ainda, o impacto de uma nova estruturação da capoeira no período analisado, que possibilitou diferentes interpretações de seus

elementos, refletidas na cobertura jornalística e no crescimento do esporte no Estado.

Palavras-chave: Capoeira; Cultura Afrodescendente; Divergência de Narrativas.

Referências:

BACCINO, Marcelo Pamplona. Berimbau na aruã capoeira de Belém do Pará: contexto, toques, cantigas, execução e transmissão. 2013. 239 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/7939>. Acesso em: 10/10/2023



ENTRE COMPETÊNCIAS E LIBERDADE: EDUCAÇÃO POPULAR, MOVIMENTOS NEGROS E POLÍTICAS PÚBLICAS

Nirom Menezes da Silva (História/Universidade Federal da Integração Latino-
Americana)

Email: nirommenezes@gmail.com

Resumo: Este trabalho busca analisar criticamente a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a partir de uma perspectiva que articula educação popular, movimentos negros e políticas públicas. Considera-se que o currículo é um espaço de disputa, atravessado por interesses econômicos, políticos e sociais, e que a BNCC, ao priorizar competências voltadas para a empregabilidade, limita a construção de uma formação crítica e emancipadora. Partindo do pensamento de bell hooks, evidencia-se que a educação, quando reduzida à lógica da padronização e dos resultados mensuráveis, reforça desigualdades históricas e reproduz a exclusão racial e social. Ao mesmo tempo, movimentos negros e experiências de educação popular revelam práticas pedagógicas que desafiam a racionalidade tecnocrática e afirmam a educação como prática da liberdade. Assim, a análise aponta para a necessidade de políticas públicas que reconheçam a historicidade dos sujeitos e fortaleçam projetos coletivos de emancipação. A educação, neste horizonte, deve ser compreendida como instrumento de transformação social, capaz de enfrentar as estruturas de dominação e de afirmar a diversidade como princípio pedagógico central.

Palavras-chave: Educação popular; Movimentos negros; BNCC.

Referências:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed.

São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Londrina: Editora Planta, 2004.



ENCRUZILHADA DE SABERES: EXU, O INCONSCIENTE E O GÊNERO

Merlin Paiva de Magalhães (Educação/UERJ)

Email: magalhaessssss@gmail.com

Resumo: Laroyê! O tema gira em torno das experiências trans nos terreiros de Candomblé, considerando a encruzilhada de Exu, o inconsciente e o gênero, utilizando da escuta psicanalítica como meio de situar onde se manifesta a transfobia. Este trabalho surge como sequência da minha dissertação, que retratou a transfobia na psicanálise, e agora proponho trabalhar a transfobia nos terreiros, inspirado na minha própria experiência, sendo eu, um psicanalista trans de terreiro. Exu é o senhor da encruzilhada, do movimento, da multiplicidade e da comunicação, características que dialogam com o gênero. O objetivo é compreender como são as experiências trans nos terreiros, a partir da escuta de pais e mães de santos, tanto cis quanto trans. Através de uma cartografia, é possível descrever e intervir, construindo práticas antitransfóbicas dentro dos terreiros, produzindo uma epistemologia transmasculina. Essa encruzilhada epistemológica envolve uma tríade: os saberes trans, de terreiro e psicanalítico para repensar as tradições, fortalecer o acolhimento de pessoas trans e abrir caminhos para práticas éticas e inclusivas. Como se manifesta a transfobia em alguns terreiros de Candomblé?

Palavras-chave: Exu; inconsciente; transfobia; escuta; saberes.

Referências:

AYOUC, Thammy. **Psicanálise e hibridez: gênero, colonialidade e subjetivações**. Editora Calligraphie, 2021.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. Transfobia é mal interreligioso que vai do terreiro à igreja. São Paulo-SP. **Folha de São Paulo**, 28 de Janeiro de 2023. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/01/transfobia-e-mal-interreligioso-que-vai-do-terreiro-a-igreja.shtml>>. Acesso em 18/09/2025.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora Civilização Brasileira. 2003.

FAVERO, Sofia. **Crianças trans: infâncias possíveis**. Editora Devires, 2021. FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Por um feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos** (2020). Jorge Zahar, 1980. GUATTARI, Félix. & ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4ª Edição, Editora Vozes, 1996.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**,(5), 7-41, 1995.

JAGUN, Márcio de. O candomblé em tempos de crise: pensando a religião antes, durante e depois da pandemia. São Paulo: Arché, 2020.

LACAN, Jacques. **O Seminário 18: De um discurso que não fosse semblante**. Jorge Zahar, 1971.

_____. **Os não tolos erram/ Os nomes do pai**. Editora Fi, 1973-74.

https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_5b94d85169b6421b885f4668bfd9c423.pdf

f _____. **O Seminário 20: Mais, ainda**. Jorge Zahar, 1972-73.

LEMO, Kaio. No Candomblé, quem é homem e quem não é? Práticas discursivas de homens trans. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, 12(1), p. 341-367, 2021. <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.12.i1.0017>

ÒKÈ, Vagner. **O Exu que habita em mim: Como a filosofia dos Orixás pode te ensinar a descobrir seu potencial para transformar todas as áreas da sua vida**. 3ª Edição, Editora Academia, 2024.

OYEWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **Estudos africanos de gênero**. Editora WMF Martins Fontes, 2025.

PRECIADO, Paul. **Eu sou o monstro que vos fala: Relatório Para Uma Academia De**

Psicanalistas. Editora Zahar, 2022.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Editora Mórula, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo. **A terra dá, a terra quer.** Ubu Editora, 2023. SOUZA, E. Exú
come primeiro. **Revista DBN: Desfile Beleza Negra**, 7 de Julho de 2024.
<https://revistadbn.com.br/exu-come-primeiro>

VICENTE, Helena. & CAVALHEIRO, Rafael. Psicanálise e transidentidades em tempos de
mutação epistêmica. **Revista Cult**, edição 290. Dossiê: o avesso da norma. Epidemia trans?
debate sobre infância, gênero e normatividade. 2023.

<https://www.cultloja.com.br/produto/cult-290-fevereiro-2023/>



INTERSECCIONALIDADE NO RAP BRASILEIRO: A CONSTRUÇÃO DE UMA CENA NÃO NORMATIVA ATRAVÉS DAS NARRATIVAS DE *RAPPERS* TRAVESTIS¹⁰

Giovana Giacometti Venâncio de Souza (História/UFPR)

Email: giacomettigiovana10@gmail.com

Maria Fernanda Moreira Vitalino (História/UFPR)

Email: nandavital20@gmail.com

Resumo: O gênero musical Rap está inserido no movimento Hip Hop e surgiu nos guetos estadunidenses a partir das transformações do século XX, principalmente a partir da vivência diaspórica da negritude no pós-abolição nas américas. No Brasil, o Rap chegou no final dos anos 1980 como uma ferramenta artística que denuncia o racismo da sociedade brasileira, além de valorizar a cultura e a autoestima negra. Mc's como Thaíde, Sabotage e o grupo Racionais são artistas precursores do gênero em nosso país, onde o protagonismo masculino toma conta da cena “tradicional” do Rap. Um ideal de masculinidade negra patriarcal se dá através desse protagonismo, onde o ‘gangsta boy’ se constrói como uma performance de gênero que o verdadeiro homem negro deve seguir. Esta postura normativa corresponde a uma das heranças do movimento negro nacional, que, ao assumir novos contornos na década de 1970, privilegiou discussões de raça e classe, desconsiderando questões de gênero e sexualidade. Entre as vozes silenciadas nesse processo e na formação da cultura Hip Hop no Brasil, destacamos as narrativas entoadas por travestis negras. Elas habitam dois mundos e ao mesmo tempo não pertencem a nenhum deles, pois são invisibilizadas igualmente em debates sobre negritude e na luta LGBTQIAP+. Para demonstrar como essas problemáticas ecoam na cena do Rap, destacamos Monna Brutal e suas músicas “Onde Tá o Hip Hop?” e “Fantástica Fábrica de Flow”. Nessas duas produções, elementos como letra, batida, estética e videoclipe expressam as violências e resistências que compõem a vida das travestis negras no Brasil.

¹⁰ Pesquisa vinculada ao projeto coletivo *Interseccionalidade: Sujeitos na História* do Programa de Educação Tutorial de História - UFPR (PET - História UFPR). Agência de fomento: FNDE

Palavras-chave: Rap brasileiro; Masculinidade; Gênero; LGBTQIAP+, Travestis.

Referências:

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. 11ª ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the intersection of race and sex:** a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. University of Chicago Legal Forum, 1989 (1) 8: 139-167.
<http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>.

HOOKS, bell. **A gente é da hora: Homens negros e masculinidades.** São Paulo: Editora Elefante, 2022.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**, 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2006. P. 235-289.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Por que você não me abraça? Reflexões a respeito da invisibilização de travestis e mulheres transexuais no movimento social de negras e negros. **SUR Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 15, n. 28, 2018.

ROCHA, Róbson Peres. A velha escola de rap e a nova escola de rap: problemas de método na análise de grupos culturais. **Revista Contraponto**, v. 7, n. 2, 2020.

XAVIER, Matheuzza. **A Travestilidade em cena: o corpo travesti no espetáculo Pele Negra, máscaras brancas.** Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas), Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2023.

QANTU Y BARRICADA: O ESTALLIDO SOCIAL PERUANO ATRAVÉS DA LITERATURA INDEPENDENTE DE PESSOAS INDÍGENAS, NÃO-BINÁRIAS E MULHERES.

Flecha Lemes de Godoi (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos / UNILA)

Email: flechalemes@gmail.com

Resumo: Por meio das produções literárias produzidas de forma independente, é possível ter acesso a outras histórias de um território que não as perpetuadas pela grande mídia hegemônica dos jornais, canais de televisão e best-sellers. Do advento da categoria “testimonio” no prêmio Casa de Las Américas em 1970 às discussões que emergiram, especialmente nos contextos ditatoriais latino-americanos, da necessidade uma literatura que saísse dos ambientes elitizados e fosse para as ruas, a literatura latino-americana vem articulando arte e história e tensionando as fronteiras entre arte e política em produções que apresentam em seus versos as resistências de uma América Latina indígena, negra, campesina, proletária e dissidente contra as injustiças sociais. Com este pano de fundo, apresento o primeiro volume do fanzine coletivo independente *Qantu y barricada: protesta la poesía* (2023), que reúne especialmente escritas de pessoas indígenas, não-binárias e mulheres, produzidas no contexto das manifestações ocorridas no Peru em 2023, momento em que uma série de protestos — liderados sobretudo por populações indígenas e campesinas — irromperam em todo o país e foram brutalmente reprimidos pelas forças do Estado sob o governo de Dina Boluarte, atual presidente do Peru.

Palavras-chave: Protestos no Peru; Movimentos sociais; Literatura latino-americana; Publicação independente.

Referências:

Várias autorias. *Qantu y barricada: protesta la poesía*. Lima, 19 jul. 2023, n. 1. fanzine. Seleção de July Solís Mendoza.

A PRESENÇA DOS FOTÓGRAFOS NEGROS NA HISTORIOGRAFIA DAS ARTES VISUAIS E CONSTRUTORES DE IMAGENS: MANOEL PORFÍRIO DA ROCHA¹¹

Samir Damasceno (PPGARTE/UFPA)

Email: samir.dams@gmail.com

Resumo: A historiografia da fotografia paraense é marcada por diversos nomes, entre fotógrafos estrangeiros, nacionais e locais, que se naturalizaram brasileiros ou se radicaram no Pará. No entanto, raramente encontramos referências a fotógrafos negros. Nesse contexto, destaca-se Manoel Porfírio da Rocha (1919–1993), conhecido no circuito do fotojornalismo como “Popó” e, de forma mais ampla, como “Porfírio da Rocha”. Autodidata, ele construiu sua trajetória no fotojornalismo paraense por meio da prática diária, “aprendendo fazendo” o ato de fotografar. Trabalhou no jornal A Província do Pará e se consolidou como uma figura de relevância na imprensa local. Considerando que a história das artes, em contextos local, regional e nacional, passa atualmente por processos de revisão para afirmar a contribuição de artistas não brancos, a presente pesquisa toma Porfírio da Rocha como estudo de caso. O objetivo é reavivar sua presença na historiografia fotográfica paraense, ressaltando sua condição de fotógrafo negro no século XX. Acreditamos que sua trajetória rompeu barreiras impostas pelo campo da fotografia, historicamente restrito a grupos de maior poder aquisitivo e predominantemente não negros. Nesse sentido, Porfírio da Rocha representa não apenas a afirmação de uma presença negra nesse campo, mas também uma conquista simbólica e material dentro do modernismo fotográfico brasileiro.

Palavras-chave: Fotografia paraense; Fotógrafos negros; Fotojornalismo; Historiografia; Manoel Porfírio da Rocha.

Referências

¹¹ Esta comunicação está vinculada ao projeto de pesquisa do mestrado Amadorismo na Fotografia Paraense: o Foto Clube do Pará (1955–1970), desenvolvido na linha de pesquisa Memórias, Histórias e Educação em Artes do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (PPGARTES/UFPA).

BROOKLYN MUSEUM OF ART; MONACELLI PRESS. Committed to the image: contemporary black photographers. New York: Brooklyn Museum of Art; **Monacelli Press**, 2001.

FUNARTE. **Amazônia: o olhar sem fronteiras**. Catálogo do II Fotonorte - 1998. Rio de Janeiro: Funarte, 1998.

LEAL, Cláudio La Rocque. **Retrato Paraense. Belém : Fundação Romulo Maiorana**, 1998. p. 9-42.

MATTOS, Nelma Cristina Silva Barbosa de. **Arte afro-brasileira: identidade e artes visuais contemporâneas**. - 1. ed. - Jundiaí [SP]: Paco Editorial, 2020.

MANESCHY, Orlando. Cartografias da História da Fotografia no Pará. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. **Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa**. João Pessoa: ANPUH, 2003. CD-ROM. Disponível em: <<https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/items/1-anais-simposios-anpuh>>. Acesso em 10 de mar. 2023.

PEREIRA, Rosa C. C. **Paisagens urbanas: fotografias e modernidades na cidade de Belém (1846-1908)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2006. Disponível em: <<https://ppgdstu.proesp.ufpa.br/ARQUIVOS/Dissertacoes/2006/ROSA%20CLAUDIA.pdf>>. Acesso em 08 nov. 2022.

RABELO, Elson de Assis. A fotografia negra contemporânea em exposições de arte brasileiras. **Artelogie**, n. 19, 2023. Disponível em: <http://journals.openedition.org/artelogie/11786>. DOI: <https://doi.org/10.4000/artelogie.11786>. Acesso em: 21 ago. 2025.

WILLIS-THOMAS, Deborah. **Black Photographers, 1840–1940: An Illustrated Bio-Bibliography**. New York; London: Garland, 1985.

ENTRE DORES E RESISTÊNCIAS: VIVÊNCIAS NEGRAS E DE GÊNERO NA UNIVERSIDADE BRANCA EUROCÊNTRICA.

Talles do Nascimento Martins (Graduando em História/Unila)

Email: talesmrtns76@outlook.com

Resumo: A presença da população negra na universidade é atravessada por dois processos: a dor de estar em um espaço historicamente pensado para pessoas brancas e a resistência em permanecer nele. A manutenção da branquitude como norma nesse lugar de poder produz sofrimento físico e mental aos estudantes negros, expresso em microagressões e práticas do racismo estrutural. Nesse contexto, ocupar um banco universitário ainda se configura como um ato político de resistência. Com a expansão das cotas em 2023, que passaram a incluir também a população quilombola — majoritariamente negra e indígena —, torna-se necessário investigar como se dá essa realidade em Foz do Iguaçu, Paraná, cidade fronteira marcada pela presença de moradores internacionais. Esta pesquisa tem como objetivo compreender a situação emocional das pessoas que atravessam o sistema de ensino superior, sobretudo público, partindo da constatação de que, em mais de uma década de vivência acadêmica, tornou-se comum relatar quais humilhações e violências foram sofridas para conquistar o diploma. Surge, assim, a questão: até que ponto as pessoas estão dispostas a resistir em nome desse sonho? A investigação baseia-se em entrevistas estruturadas, compostas por seis perguntas abertas, cujas respostas foram analisadas a partir dos conceitos de necroeducação, necropedagogia e epistemicídio. Os resultados apontam que o sonho de concluir a graduação cobra um preço alto, deixando marcas que persistem mesmo após a conclusão ou a evasão do curso. Conclui-se que, mesmo em 2025, a educação permanece regida pelo pacto da branquitude, que admite corpos negros, mas resiste às suas vozes, evidenciando a necessidade de estudos que desvelem como o perfil racial de alunos, professores e autores referenciados perpetua a exclusão e o silenciamento.

Palavras-chave: Racismo estrutural; Necroeducação; Epistemicídio; Resistência negra.

Referências

COSTA, A. P.; MARTINS, C. H. S.; SILVA, H. C. Necroeducação: reflexões sobre a morte do negro no sistema educacional brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, e250043, 2020.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. Arte & Ensaios, n. 32, p. 123-151, 2016.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD). Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

RAMOS, Silvia et al. **A vida resiste**: além dos dados da violência. Rio de Janeiro: CESeC, 2021. Disponível em: <http://observatorioseguranca.com.br>. Acesso em: 29 jun. 2025.

UNICEF. **Pobreza na infância e na adolescência**. São Paulo: UNICEF, 2018.



O QUARTO QUE SUBJUGA: INTERSECÇÃO ENTRE PATRÃO E EMPREGADA

Isadora Pereira dos Santos (BIH/UFSB)

Email: isadorapereira2459@gmail.com

Flávio Bispo dos Santos (História/UFSB)

Email: flaviosantostvc@gmail.com

Resumo: A recuperação da palavra “patrão” obriga-nos a fazer esforço regressivo, visto que o vocábulo surge no latim clássico sob a forma *pater* (pai), da qual se derivou *patronus*, termo que designava “protetor”, “patrono” e “defensor legal”. No português arcaico, a palavra latina originou o termo “patrão”, que assumiu conotação religiosa e secular. Referia-se, respectivamente, a “santo protetor” ou “padroeiro” e a “chefe de embarcação” ou “comandante de navio”. Com vistas a isto, temos como *corpus* de pesquisa cenas do curta-documentário “Quarto de Empregada” (1995), produção que nos permitirá traçar diálogo com as teorias de gênero e decolonial. Com tal análise, objetivamos desvelar que fantasmas e dispositivos insidiosos coloniais estão por trás da relação “patrão-empregada”. Com este desvelamento, o trabalho pretende explicitar os pontos de imbricação entre a figura do patrão e empregada. Ressaltamos, para tanto, que neste “desvelar”, utilizaremos uma análise qualitativa do *corpus* unida à identificação de práticas sociais e representações de poder.

Palavras-chave: patrão-empregada; fantasmas; quarto de empregada.

Referências:

ALCÂNTARA, Luci. Quarto de Empregada [documentário]. Brasil, 1995. 20 min. Disponível em: <https://youtu.be/7trfo3cnRnk>. Acesso em: 20 ago. 2025.

BOSI, Antônio de Pádua. Mudanças no trabalho e no emprego doméstico para mulheres no Brasil (1970-2005). *Revista História & Perspectivas*, [S. l.], v. 23, n. 43, 2010. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19314>. Acesso em: 19 ago. 2025.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 202-211.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mocambos**: decadência do patriarcado rural no Brasil. 15. ed. rev. São Paulo: Global, 2003. p. 243.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Racismo brasileiro**: uma história da formação do país. São Paulo: Todavia, 2022.

SEGATO, Rita. **O Édipo negro**: colonialidade e forclusão de gênero e raça. In: Crítica da colonialidade em oito ensaios (e uma antropologia por demanda). Tradução por Danú Gontijo e Danielli Jatobá. São Paulo: Bazar do Tempo, 2021. p. 211.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Famílias e vida doméstica. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.). História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 83-132.

ALBERDI E SARMIENTO - A INVENÇÃO DA ARGENTINA BRANCA E A CRIAÇÃO DO *OUTRO*.¹²

Luiza Rocha de Oliveira (PPGH/UFJF)

E-mail: luizarocha.rocha@gmail.com

Resumo: O trabalho tem por objetivo refletir como o “problema indígena” foi pensado ao longo dos oitocentos na Argentina. Para isso, se refletirá sobre o papel desempenhado pela “geração de 37”, como ficou conhecido um grupo de intelectuais da Argentina no século XIX. A análise dos escritos dessa geração, será importante para compreendermos a construção de fronteiras físicas e sociais com os povos indígenas, assim como a construção de uma identidade nacional. Para isso, usaremos os debates acerca da “exterioridade constitutiva” debatido por Chantal Mouffe, para refletirmos a criação do “outro”, nas obras de Domingo Faustino Sarmiento e Juan Bautista Alberdi. Ou seja, a partir do exterior constitutivo se terá a criação de uma identidade que implica o estabelecimento de uma diferença (indígenas e criollos). Assim, veremos como a percepção feita pela “geração de 37” acerca desse “outro”, o indígena, descrito por eles como bárbaro, selvagem, foi possível a constituição do seu “exterior”, uma sociedade argentina branca, nos moldes da Europa.

Palavras-chave: Alberdi; Sarmiento; Estado Argentino.

Referências:

ALBERDI, Juan Bautista. **Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina**. Buenos Aires: Biblioteca Clásicos Argentinos, 2017.

BERNAND, Carmen. **Los indígenas y la construcción del Estado-Nación**. Argentina y México, 1810 - 1920: historia y antropología de un enfrentamiento. - 1a ed. . - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2016.

¹² Este trabalho faz parte da dissertação que está em andamento no programa de pós em História na Universidade Federal de Juiz de Fora, onde sou contemplada com bolsa de mestrado da própria pós graduação, o PPGH.

FREITAS NETO, José Alves. **Percorrendo o vazio: intelectuais e a construção da Argentina no século XIX**. São Paulo: Intermeios, 2021.

LOBOS, Omar. **Juan Calfucurá: correspondencia 1854- 1873**. - 1ª ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Colihue, 2015.

MARCELO, Cristiane Maria. **Os dilemas da construção do Estado argentino nas obras de Domingo F. Sarmiento e Juan B. Alberdi**. Trabalho final apresentado à disciplina Independências e Formação dos Estados Nacionais nas Américas. Rio de Janeiro, 2014.

MATEO, José Antonio. **La sociedad: población, estructura social y migraciones**. In: Ternavasio, Marcela. *Historia de la Provincia de Buenos Aires: de la organización federal a la federalización de Buenos Aires: 1821-1880* - 1ª ed. - Buenos Aires: Edhasa; Gonnet: UNIP: Editorial Universitaria, 2013.

MINELLI, Ivía. **A representação do indígena na Argentina. Um diálogo entre historiografia, etno-história e literatura**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2001.

MOUFFE, Chantal. **Sobre o Político**. [tradução: Fernando Santos], - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

MOVELLÁN, Tomás A. Mantecón; García, Susana Truchuelo. **La(s) frontera(s) exteriores e interiores de la Monarquía Hispánica: perspectivas historiográficas**. *Historia Crítica*, nº 59, 2016.

POMPEU, Ana Carolina Gutierrez; Seixlack, Alessandra Gonzalez. **Juan Calfucurá e os crioulos. Protagonismo indígena no Pampa argentino na primeira metade do século XIX**. *Revista Brasileira & Ciências Sociais*, v.10, p.8-30, 2018.

PRADO, Maria Lígia. **Prefácio à edição brasileira**. In: Sarmiento, D. F. *Facundo: civilização e barbárie*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1996, p.19-40.

QUIJADA, Mónica. **Homogeneidad y nación. Con un estudio de caso: Argentina, siglos XIX y XX.** Madrid: CSICCH, 2000.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo.** Buenos Aires: Elaleph, 1999. Disponível em <http://www.elaleph.com/>



Categorias sociais e políticas das mulheres do reino do Ndongo no final do século XVI e início do século XVII¹³

Melissa Moura Vargas (Mestranda-PPGHIS-UNILA)

Email: melissamouravargas@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa busca analisar as categorias sociais e políticas das mulheres do reino do Ndongo entre o final do século XVI e o início do século XVII. Tenho como objetivo mapear e descrever aspectos como ocupação, idade, origem, etnia, religião e suas conexões com mulheres europeias presentes no Ndongo. No que se refere ao exercício da agência das mulheres, o conceito de agência está sendo compreendido conforme Thornton (2004) que os africanos tiveram uma participação ativa na estruturação do Mundo Atlântico. Metodologicamente, a pesquisa é de natureza qualitativa, documental, descritiva e exploratória. Busca-se analisar e articular fontes missionárias, inquisitoriais e administrativas, entre as quais se destacam a coletânea de quinze volumes da Monumenta Missionária Africana (MMA), transcrita pelo Padre António Brásio e publicada pela Agência Geral do Ultramar entre 1953 e 1988; a transcrição do manuscrito Processo de Aires Fernandes (Arquivo Nacional da Torre do Tombo – ANTT, Tribunal do Santo Ofício – TSO, Inquisição de Lisboa, processo n.º 13087), publicada na Afro-Ásia em 2022; e a documentação complementar intitulada Precatório de Rodrigo Aires (ANTT, TSO, IL, processo n.º 13312 Publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Também estão sendo analisados os dois volumes organizados por Beatrix Heintze: Fontes para a história de Angola: Memórias, relações e outros manuscritos da Coletânea Documental de Fernão de Sousa (1622–1635) de 1985 e Fontes para a história de

¹³ Essa comunicação está vinculada a pesquisa de mestrado que está em andamento no Programa de Pós-Graduação em História – PPGHIS da UNILA. Essa pesquisa é fomentada pela Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná.

Angola: Cartas e documentos oficiais da Coletânea Documental de Fernão de Sousa (1624–1635) de 1988.

Palavras-chave: África Centro-Occidental; Ndongo; Angola; Agência feminina.

Referências

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul**. Companhia das Letras, 2000.

DE CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte. **Páscoa Vieira diante da Inquisição: uma escrava entre Angola, Brasil e Portugal no século XVII**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2020.

HEINTZE, Beatrix; SANTOS, Marina; VOLÓDIA, Mateus. **Angola nos séculos XVI e XVII: Estudos sobre fontes, métodos e história**, Kilombelombe, 2007.

HEYWOOD, Linda M. **Jinga de Angola: a rainha guerreira da África**. São Paulo: Editora Todavia SA, 2019.

THORNTON, John. **A África e os africanos na formação do mundo Atlântico, 1400- 1800**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

**“O FAMOSO ‘JULINHO ROMÃO’, ‘MESTRE EM BAGUNÇAR’”: UMA ANÁLISE
SOBRE AS NARRATIVAS DA CAPOEIRA DE JÚLIO ROMÃO EM BELÉM-PA (1990-
1993)**

Andreza Rayanne Alves Santos (Pós-Graduada em
Linguagens e Artes na Formação Docente/IFPA)

E-mail: andreza.alves.0401@gmail.com

Carlos Daniel Matos Nascimento (Graduado em
Licenciatura Plena em História/UEPA)

E-mail: matosdaniel2014@gmail.com

Resumo: O estudo se insere no contexto das últimas décadas do século XX, quando a capoeira em BelémPA transitava entre marginalização social e valorização cultural. As narrativas sobre Mestre Júlio Romão, registradas em jornais locais, revelam tensões: ora ele é apresentado como desordeiro, ora como guardião de uma prática ancestral ligada à identidade afro-brasileira. Assim, o objeto de pesquisa são as divergências nas representações da capoeira de Romão na cidade, evidenciando-o como uma figura controversa. Para Baccino (2013), Belém participa do processo de revalorização da capoeira como elemento da ancestralidade africana, refletindo suas múltiplas facetas e funções sociais. A ambiguidade das representações jornalísticas levanta a questão: por que a mesma figura é retratada de modos tão opostos? Assim, o objetivo da pesquisa é compreender as narrativas divergentes, analisando os periódicos e as transformações sociais, filosóficas e culturais da capoeira no período estudado, considerando o contexto urbano e a trajetória individual do Mestre. Conclui-se que o contexto histórico e social reforça a especificidade e individualidade de cada Mestre, evidenciando as múltiplas atuações da capoeira. Em paralelo à retomada da prática como expressão da identidade nacional, observa-se um cenário de tensão perceptível nos jornais. Destaca-se, ainda, o impacto de uma nova estruturação da capoeira no período analisado, que possibilitou diferentes interpretações de seus elementos, refletidas na cobertura jornalística e no crescimento do esporte no Estado.

Palavras-chave: Capoeira; Cultura Afrodescendente; Divergência de Narrativas.

Referências

BACCINO, Marcelo Pamplona. **Berimbau na aruã capoeira de Belém do Pará: contexto, toques, cantigas, execução e transmissão.** 2013. 239 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/7939>. Acesso em: 10/10/2023



A presença da cultura afro-brasileira no chão da escola periférica: protagonismos insurgentes¹⁴

Tatiana Maciel Gontijo de Carvalho (Deptº Humanidades/UEMG)

tatianamaciel68@gmail.com.br

Maria Caetano Amâncio da Cruz (Serviço Social/UEMG)

tiatacaetana@gmail.com

Resumo: Busca-se divulgar resultados parciais de uma pesquisa de iniciação científica que investigou a presença ou ausência das culturas afro-indígenas em duas escolas de Educação Básica circunscritas no recorte socioespacial urbano centro-periferia do município de Divinópolis – MG. A partir da etnopesquisa, foram ouvidos atores sociais que exercem papéis diversos no ambiente escolar. O intuito foi verificar a implementação da Lei 11.645/2008, partindo dos gestores e docentes, mas, principalmente, ouvir os relatos de vida de indivíduos que vivenciam as tradições afro-brasileiras. Nessa perspectiva, de conhecer o protagonismo ou silenciamento dos afro-descendentes, evidenciou-se diferenças significativas entre as duas escolas, com destaque, para a presente apresentação, da presença e protagonismo vinculados à cultura afro-brasileira somente no território periférico. Se, por um lado, o processo de segregação espacial urbana e de desigualdade sociorracial são interdependentes, como pôde-se observar no quase apagamento da cultura afro-brasileira na escola central, por outro lado, foi justamente a incidência de jovens negros e negras umbandistas e candomblecistas na escola periférica que promoveram um verdadeiro ato político e de resistência quando a escola comemorou o dia da Consciência Negra. O protagonismo insurgente desses jovens, que colocaram seus corpos em movimento, nas apresentações de dança afro, nas encenações teatrais que personificaram entidades da Umbanda, na construção de painéis temáticos da luta antirracista, no desfile de beleza negra e em seus relatos de vida, com vivências de aprendizados

¹⁴ Apresentação parcial de resultados de pesquisa de iniciação científica realizada via Edital PIBIC/FAPEMIG/UEMG nº01/2023.

ancestrais, revelam que a diversidade étnico-racial pulsa no cotidiano e no mundo da vida e vai muito além da implementação de uma política educacional.

Palavras-chave: Cultura afro-brasileira; protagonismos insurgentes; Lei 11.645/2008.

Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BRASIL. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639/03, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “**História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena**”. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

FLORES, Murilo. A Identidade Cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento – uma visão do estado da arte, 2006.

FRUTUOSO, Claudinei; MACIEL, Antônio Carlos. As desigualdades da escola pública no *continuum* urbano centro-periferia: uma análise histórico-crítica. **EDUCA-Revista Multidisciplinar em Educação**, [S. l.], v. 9, p. 1–16, 2022.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa implicada: pertencimento, criação de saberes e afirmação**. Série Pesquisa. Brasília: Ed. Liber Livro, 2012.

PEREIRA, Amílcar Araújo. **A luta política contra o racismo no Brasil: 1945-1988**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

PIRES, Thais. **Educação para as relações étnico-raciais e a Lei 11.645/08: desafios e perspectivas**. Revista Eletrônica da Faculdade de Educação, v. 13, n. 1, p. 158-175, 2019.

REIS, Gianne Cristina dos. O estado da Arte - implementação das leis nº 10.639-03 e nº 11.645-08. Em Tese, Florianópolis, v. 16, n. 01, p. 196-213, jan./jun., 2019.

SPOSITO, Marília Pontes. **Juventude e escola: autoritarismo e resistência**. São Paulo: Cortez, 2013.

VASCONCELOS, Débora Kelly Ferreira; ALVES, Patrícia Formiga Maciel. As dificuldades de implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08 no ambiente escolar. **Revista Educação e Políticas em Debate**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 1–19, 2024. DOI: [10.14393/REPOD-v13n2a2024-69548](https://doi.org/10.14393/REPOD-v13n2a2024-69548). Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/69548>. Acesso em: 16 ago. 2025.



SOCIEDADE FLORESTA AURORA: DUAS MULHERES NEGRAS NA CONSTRUÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL (1872 E 1934)¹⁵

Nereidy Alves (Mestrado/UFRGS)

nereidy66@gmail.com

Giane Vargas (Professora/UNIPAMPA)

gianeescobar@unipampa.edu.br

Resumo: Com base no reconhecimento público da Sociedade Floresta Aurora (SFA) como clube social negro mais antigo do Brasil, com sede em Porto Alegre e de grande representatividade da comunidade negra no país, pretende-se identificar o quanto a participação feminina foi fundamental para a construção de seu patrimônio histórico e cultural, a partir de duas mulheres negras que foram destaque nos anos de 1872 e 1934: Maria Chiquinha e Orlandina Alves. O artigo visa, sob a perspectiva de gênero e raça, questionar a ocultação de suas atuações reconhecidamente fundamentais na formação e desenvolvimento, construção social e cultural da SFA. Como bem cultural coletivo necessário se faz a reativação das memórias como forma de preservar o legado de ambas com registro na historiografia. O artigo organiza-se em duas partes, através de pesquisa bibliográfica, utilizando como fontes livros de atas, matérias de jornal, documentos, etc. A primeira parte apresenta a mobilização e participação feminina negra no associativismo da SFA e a segunda abre questionamentos quanto à ocultação de seus nomes e, em ação política proativa, estuda meios de preservação da memória e salvaguarda dos registros.

Palavras chaves: representação feminina na SFA; ocultação da memória coletiva; proteção patrimônio cultural; Maria Chiquinha; Orlandina Alves.

¹⁵ Este trabalho deriva da pesquisa de mestrado em curso no PPGMusPa/UFRGS, intitulado SOCIEDADE FLORESTA AURORA: patrimônio cultural negro e o protagonismo de duas rainhas, cuja defesa está prevista para novembro de 2025. Orientadora: Professora Dra. Giane Vargas.

Referências

BOSI. Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** (3a ed.). São Paulo. Companhia das Letras.1994.

BRAGA. Geslline G. **“Cada um no seu quadrado”:** os Clubes Sociais Negros e a imaterialidade do lugar na produção cultural do real. Goiânia: Revista Soc. e Cult., v. 22, n. 2, 2019, p. 06-24.

DOMINGUES. Petrônio. **Clubes Negros no Brasil: puzzle de um campo emergente.** —: Revista do Mundo do Trabalho, Florianópolis .V. 15, 2023, p. 1 a 22.

HOOK. bell - **E Eu não sou uma Mulher? Mulheres Negras e Feminismo**, 12ª ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.

NONNENMACHER. Marisa. **Tudo Começou em uma Madrugada.** Porto Alegre: Ed. Medianiz, 2015

NORA. Pierre . **Artigo:** Entre memória e história. Proj.História, São Paulo (10).Dez. 1993. Pág. 7-28.

NÚNCIA. Jaime. ALVES. Nereidy. VARGAS. Giane. **FLORESTA AURORA-150 anos de história.** Porto Alegre: Ed. Libretos, 2022.

PEREIRA. Lúcia Brito. **E Floresceu a Aurora.** Floresta Aurora - 150 anos de história. Porto Alegre: Ed. Libretos, 2022p. 30.

SCHMIDT. Maria Luisa. MAHFOUND. Miguel. **Artigo:** Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência. Psicologia USP,S.Paulo,4(1/2), 1993, p. 285-298.

SMANIOTTO. Elaine. **O Protagonismo de Mulheres Negras na Sociedade Recreativa Beneficente União Rosariense.** Revista História. Rio Grande, v. 12, n. 2, 2021, p. 151 a 176.

TROUILLOT. Michel-rolph. **Silenciando o passado-poder e a produção da história;**
tradução Sebastião Nascimento. Curitiba:huyra, 263p. 2016.



PROTAGONISMO NEGRO E INDÍGENA NAS LIGAS CAMPONESAS (1955-1967): UMA ANÁLISE DO JORNAL DIÁRIO DE PERNAMBUCO.¹⁶

Daniel Felipe Chaves de Oliveira (História/UFRPE)

Email: daniel.chaves@ufrpe.br

Prof.^a Dr.^a Marcília Gama da Silva (História/UFRPE)

Email: marciliagama@yahoo.com.br

Resumo: Esta pesquisa é de natureza quantitativa e qualitativa-comparativa, que tem por objetivo pesquisar notícias da participação de negros(as) e indígenas nas Ligas Camponesas no jornal Diário de Pernambuco no ano de 1955 á 1967, ano que remete ao início das ligas e proibição. Deste modo, a partir das notícias encontradas nos jornais, iremos avaliar as dimensões: transmissor e receptor da mensagem a partir da perspectiva da análise do discurso e da relação de poder de Michel Foucault. Temos por interesse encontrar subsídio de manifestação positiva ou negativa da participação destes agentes, levando em conta suas influências nos movimentos sociais e agrários denunciados ou destacados nos jornais, ressaltando, por sua vez, seu protagonismo. Também, iremos levantar dados quantitativos das notícias, separando-as tipologicamente: notícias pejorativa e não pejorativa, utilizando-se de categorias pós-estabelecidas a partir da análise do discurso de como os agentes eram citados, também, identificar a forma como os discursos sobre esses dois segmentos eram pejorativamente tratados, isto é, se eram positivas ou negativas, iremos também, categorizar a partir de uma comparação qualitativa do discurso, percebendo as diferenças ou semelhança de tratamento entre a notícia de um negro(a) e um(a) indígena, por fim, pretendemos estender essa pesquisa, a partir do resultado, para uma análise mais ampla étnico-racial do discurso, abrangendo agentes brancos, utilizando-se da mesma metodologia.

¹⁶ Este trabalho está vinculado ao Projeto Galiléia da UFRPE, que tem como objetivo restaurar, catalogar, digitalizar e condicionar documentos das Ligas camponesas e Francisco Julião, além de desenvolver atividades de cunho científico, como oficinas, palestras, resumos e artigos.

Palavras-chave: Protagonismo Indígena; Protagonismo Negro(a); Ligas Camponesas; Análise do Discurso.

Referências

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Tradução de Clóvis Marques. Petrópolis: Vozes, 1984;

ANDRADE, Manuel Correia de. **1964 e o Nordeste: golpe, revolução ou contra-revolução?** São Paulo: Contexto, 1989.

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**, op.cit., caps. 4 e 10. _____ “A Nova Morfologia do Trabalho e o Desenho Multifacetado das Lutas Sociais”, in Para Além da Fábrica, Ramalho, J.R. e Santana, M. A., Boitempo, 2003.

AQUINO, Ítalo. João Alfredo Dias, o Nego Fuba: um herói negro do povo camponês silenciado pela ditadura. **Brasil de Fato**, João Pessoa, 02/04/2025. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/04/02/joao-alfredo-o-nego-fuba-um-heroi-negro-do-povo-campones-silenciado-pela-ditadura/> >. Acesso em: 12/08/2025

BENEVIDES, Cezar. **Camponeses em Marcha**. Editora Paz e Terra, 1985.

DA GALILEIA, ZITO. **Como e porque surgiram as Ligas camponesas: um testemunho de quem a viveu**. Editora: Livro Rápido. 2023.

CASTRO, Ângela G. **A invenção do Trabalhismo**. São Paulo, Vértice, 1988.

DREIFUSS, René Armand. **1964, a conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe**. Petrópolis: Vozes, 1987.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **Ciência, história e memória: questões metodológicas**. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder et al. **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 95116; _____. **A informação: questões e problemas**. Niterói: EDUFF, 1995;

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT. **Microfísica do poder**. Org. e Trad. Roberto Machado. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000a.

FOUCAULT. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2000b.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. Org. e sel. de textos Manoel Barros da Motta; trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. (Ditos e escritos, v. 4).

LEMOS, Francisco de Assim; SILVA, Waldir Porfírio da Silva. João Teixeira: **A Saga de Mártir**. Editora da UEPB, João Pessoa/PB, 2013.

LOPES, Luis Carlos. **A informação e os arquivos: teorias e práticas**. Niterói: EDUFF; São Carlos: EDUFScar, 1996; PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV, 1997;

A HISTÓRIA QUE A HISTÓRIA NÃO CONTA: O LUGAR DO CONTINENTE AFRICANO NA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS¹⁷

Camila Alessandra da Cruz Correa (Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais
da Universidade Federal de Santa Catarina)

E-mail: camila.c31@aluno.ifsc.edu.br

Resumo: O processo de construção histórica foi fortemente influenciado pelo projeto colonial, há uma relação intrínseca entre poder e a história. E dessa forma, a “história única” acaba por ser naturalizada e tida como a verdadeira. Considerando tal realidade, esta pesquisa apresenta-se com o objetivo de investigar o papel do continente africano nas relações internacionais através da História, priorizando os principais acontecimentos históricos de formação do campo, enfatizando suas contribuições para a formação das relações internacionais. E responder a problemática: De que maneira as narrativas coloniais e eurocêntricas na historiografia tradicional das Relações Internacionais silencia o protagonismo do continente africano nos principais eventos da construção da área e na configuração do sistema internacional contemporâneo? Em termos metodológicos, esta pesquisa caracteriza-se como uma investigação qualitativa de natureza básica, voltada para a compreensão aprofundada dos discursos e ordem colonialistas e seu impacto na percepção e supressão da história do continente africano nas relações internacionais. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que se baseia nas teorias pós/decoloniais e estudos africanos, utilizando teóricos relevantes para o tema, priorizando fontes que abordam raça, colonialismo, relações internacionais e história africana, escrita por africanos. Pretende-se dividir a escrita em três partes: A história que a História conta: a narrativa colonialista; O lugar da África na História das Relações Internacionais e A história que a História não conta: a visão de mundo africana. A pesquisa é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina e ainda se encontra em construção.

¹⁷ Projeto de pesquisa de mestrado em andamento com o fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina.

Palavras-chave: História das Relações Internacionais; História da África; Discurso Colonial.

Referências

ABRAHAMSEN, Rita. **Africa and international relations:** Assembling Africa, studying the world. *African Affairs*, v. 116, n. 462, p. 125-139, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p. Disponível em:

https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/enfrentamento-ao-racismo/obras_digitalizadas/chimamanda_ngozi_adichie_-_2019_-_o_perigo_de_uma_historia_unica.pdf Acesso em: 13 jul. 2025.

ANIEVAS, A., MANCHANDA, N., & SHILLIAM, R. . **Race and racism in international relations:** confronting the global colour line .2015. 232 p.

BOUKA, Yolande. **Africa Isn't Rising.** It Has Always Been at the Center of Global Politics.

In: BHAMBRA, Gurinder K.; BOUKA, Yolande; PERSAUD, Randolph B.; RUTAZIBWA, Olivia U.; THAKUR, Vineet; BELL, Duncan; SMITH, Karen; HAASTRUP, Toni; ADEM, Seifudein. Why is mainstream international relations blind to racism? *Foreign Policy*, 98 [s.l.], July 3, 2020.

DU BOIS, W. E. B. **The African roots of war.** *The Atlantic*, [s. l.], May 1915. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1915/05/the-african-roots-of-war/528897/> . Acesso em: 13 jul. 2025.

_____. **Worlds of color.** *Foreign Affairs*, [s. l.], v. 3, n. 3, p. 423-444, Apr. 1925. Disponível em: <https://cominsitu.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/02/du-bois-worlds-of-color.pdf> Acesso em: 13 jul. 2025.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira. Salvador:

EDUFBA, 2008. Disponível em:
https://www.geledes.org.br/wpcontent/uploads/2014/05/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_brancas.pdf. Acesso em: 13 jul de 2025.

_____. **Racismo e Cultura**. In LANDI, Gabriel e MANOEL, Jones. *Revolução Africana*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

JAURETCHE, Arturo. **La colonización pedagógica (la yapa)**. Buenos Aires: Unipe, 2020.

KI-ZERBO, Joseph. **Para quando a África?: entrevista com René Holenstein**. Tradução: Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

_____. **História Geral da África**, I: Metodologia e pré-história da África. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010

MBEMBE, Achille; SARR, Felwine (eds.). **The Politics of Time: Imagining African Becomings**. Translated by Philip Gerard. Polity Press. 2023.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder e classificação social**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do sul*. Coimbra: Almedina, 2009. p. 73-117. Disponível em:
<https://www.iciet.fiocruz.br/sites/www.iciet.fiocruz.br/files/Epistemologias%20do%20Sul.pdf>
Acesso em: 13 jul. 2025.

_____. **!Que tal raza!** Ecuador Debate, Quito, n. 48, p. 141-152, dic. 1999. Disponível em:
<https://antropologiadeoutraforma.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/04/quijano-anibalque-tal-raza.pdf> Acesso em: 13 jul. 2025.

PERSAUD, R. B.; WALKER, R. B. J. . **Apertura: Race in International Relations**. Alternatives: Global, Local, Political, 26(4), 373–376. 2001. Disponível em
<http://www.jstor.org/stable/40645026> Acesso em: 13 jul. 2025.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o Passado: Poder e a Produção da História**. Curitiba: Huya, 2016, 263p. Disponível em: https://pueaa.unam.mx/uploads/materials/Michel-Rolph_Trouillot.pdf?v=1695060419 Acesso em: 13 jul. 2025.